UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Simone Schmidt

Páginas Verdes - A presença da Emoção no Jornalismo Especializado em Meio Ambiente: Uma análise da seção de entrevistas pingue-pongue da revista Ecologia & Desenvolvimento

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: professora-doutora Ilza Maria Tourinho Girardi.

Porto Alegre, dezembro de 2005

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Agradeço a todos aqueles que trilharam comigo esse caminho.

Em primeiro lugar, à superorientadora Ilza Girardi, que me fez pôr outros olhos sobre o jornalismo.

À amiga Suzana Diefenbach, que me levou à inciativa insistindo para que me inscrevesse na seleção do mestrado.

Ao Sean Hagen, amigo há 23 anos e colega no PPGCOM, que acompanhou de perto a luta.

À Márcia Benetti, que ao me ver desenvolvendo um segundo projeto de dissertação, disse estar feliz por mim e orgulhosa. Esse ânimo foi fundamental.

À minha família: Lucilia, Dani e Lili, que me impulsionaram com seu amor e dedicação.

A todos os amigos que me incentivaram.

Ao PPGCOM e ao CNPQ.

RESUMO

Este trabalho analisa 29 entrevistas jornalísticas denominadas Páginas Verdes, coletadas da revista Ecologia & Desenvolvimento, especializada em meio ambiente, entre 2000 e 2002. Pesquisa como as respostas dos entrevistados pela revista travestem informação em emoção, valendo-se desse instrumento, juntamente com o conhecimento científico, para persuadir o leitor. A presente dissertação procura mostrar como repórter e entrevistado entrelaçam liguagem e emoção, em um processo de cognição que já não separa mais racional e emocional quando envia ou recebe a informação. Usa como referencial teórico a Biologia do Conhecimento, a transdisciplinaridade e a construção social da notícia, analisando os textos por meio de duas ferramentas: Análise de Conteúdo e Análise Retórica. Conclui que a emoção é um elemento essencial no jornalismo de meio ambiente para fazer da informação levada ao leitor uma alternativa de educação ambiental capaz de incentivá-lo a preservar o planeta para seus descendentes.

PALAVRAS-CHAVES: Meio ambiente, emoção, jornalismo ambiental, Biologia do Conhecimento, Trasndisciplinaridade.

ABSTRACT

The present paper analyzes 29 journalistic interviews called Páginas Verdes (Green Pages), collected from the Ecologia & Desenvolvimento (Ecology and Development) magazine, which is specialized in environment, between 2000 and 2002. This paper researches how the discourse of the people interviewed by the magazine transforms information into emotion, using this tool allied with scientific knowledge in order to persuade the reader. This dissertation aims at showing how both the reporter and the interviewed intertwine language and emotion in a cognition process which does not separate rational from emotional when sending or receiving information. The paper uses Biology of Knowledge, transdisciplinarity and social building of the news as theoretical background, analyzing the texts by means of two tools: Content Analysis and Rhetorical Analysis. It comes to the conclusion that emotion is an essential element in environment journalism to make the information taken to the reader an alternative for environmental education, capable of incentivating people to preserve the planet to their descendants.

KEYWORDS: Environment, emotion, envroinment journalism, Biology of Knowledge, transdisciplinarity.

SUMÁRIO

1 A PRÁTICA LEVANDO À TEORIA - UM SINGELO COMEÇO/p. 6

2 O CONTEXTO E O QUE BUSCAR NA PESQUISA/p. 18
- **2.1 Características/p. 18**
- **2.2 Definição do problema/p. 26**
- **2.3 Objetivos da investigação/p. 27**

3 VIDA E NOTÍCIA EM REDE/p. 29
- **3.1 Noticiário e meio ambiente - temas e conceitos/p. 41**
- **3.2 Notícia e complexidade unidas para uma construção social/p. 48**
- **3.3 Emoção e cognição: mais detalhes/p. 55**
- **3.4 Entrevistador-entrevistado: construção conjunta/p. 59**

4 ROTAS DA INVESTIGAÇÃO/p. 61
- **4.1 As marcas, listadas por categorias/p. 64**
- **4.2 Freqüência das principais palavras/p. 71**
- **4.3 A aplicação/p. 72**

5 INFORMAR E EDUCAR É UM ATO DE AMOR AO PRÓXIMO/p. 79

6 A PERGUNTA DANDO INÍCIO À CONSTRUÇÃO/p. 91

7 O TEXTO INTRODUTÓRIO SERVINDO DE BASE PARA A OBRA/p. 95

8 O ENTREVISTADO INDICANDO O CAMINHO FINAL/p. 102

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS/p. 108

REFERÊNCIAS/p. 116

ANEXOS/p. 121
- **Anexo A - Entrevista com Gilberto Gil/p.**
- **Anexo B - Entrevista com Suzana Pádua/p.**
- **Anexo C - Entrevista com Darcy Ribeiro/p.**
- **Anexo D - Entrevista com Leonardo Boff/p.**

1 A PRÁTICA LEVANDO À TEORIA - UM SINGELO COMEÇO

O jornalismo diário e impresso já fazia parte de minha vida havia dez anos, quando a prática levou-me ao interesse pela teoria. Como repórter da editoria de Geral do Grupo Editorial Sinos, empresa de Novo Hamburgo que reúne os jornais NH, VS (Vale do Sinos) e Diário de Canoas, e mais tarde como editora de Geral na Caldas Junior (Correio do Povo), em Porto Alegre, muitas e muitas vezes cumpri a pauta sempre necessária, para a edição do dia seguinte, a cada temporal: saber se houve vítimas, destelhamento ou desabamento de casas em encostas, transtornos no trânsito de veículos, transbordamento de valões ou de bueiros nas grandes avenidas.

A primeira parte da reportagem era sempre focada para esses temas. Em casos mais graves, tínhamos as suítes, em outras palavras, matérias que são feitas em continuidade ao fato do dia anterior. No caso das chuvas, a pauta do segundo dia era focada nas conseqüências dos estragos, como, por exemplo, gente tirando baldes de lama de dentro de casa, móveis e eletrodomésticos destruídos, crianças com feridas nas pernas em função da água contaminada dos esgotos e mais uma infinidade de transtornos.

Lembro-me de um dia de tempestade, mais de vento que de chuva. Recebemos na redação o telefonema informando que uma casa havia se destelhado na Vila Brás, em São Leopoldo, divisa com Novo Hamburgo. Era pior do que isso. Na verdade, o que havia sobrado eram somente duas paredes em pé. Os vizinhos

ajudavam a carregar o que havia sobrado inteiro no interior da pequena construção de alvenaria. Sentada em um banquinho de madeira no meio do quintal, uma mulher olhava para o nada com as mãos apoiando o queixo. Era moça, 24 anos, mas já tinha três filhos e a partir daquele momento não sabia para onde iria com a família.

Em outro bairro, no Pinheiros, o contraste também era evidente. Para quem parte do centro de São Leopoldo pela avenida Imperatriz Leopoldina em sentido ao bairro, à direita surgem casas cinematográficas em enormes terrenos em aclive. Salas e quartos com gigantescas sacadas, lindas e cheias de folhagens. No piso inferior, garagens para três, quatro carros. Já do lado esquerdo, também às margens da pista da Imperatriz, se localiza a parte mais baixa da região. Ali formou-se uma zona de invasão. As casas, se é que se pode chamar assim restos de caixas de maçãs e papelão, foram construídas próximas às margens do Rio dos Sinos, mais precisamente em uma região de banhado. Água para beber, encanada, não há. Mas quando chove, a inundação não deixa ninguém entrar em casa. Seu Justino, um homem com dois filhos pequenos, era mais um dos muitos personagens dessas histórias. O quarto onde dormia com os meninos não existia mais, tomado por quase um metro de água. A única cama da casa estava submersa.

Outra pauta sempre presente em nossas rotinas como jornalistas era o lixão da Vila Santa Marta, em São Leopoldo. Bastava entrar naquela comunidade para que a dificuldade de respirar aparecesse. O mau cheiro pelo ar era sentido a quilômetros do local do depósito. Um incêndio ocorrido na Fundação de Resíduos Sólidos

(Funresoli), na mesma cidade, deixou imagens inesquecíveis em meu currículo de reportagem. A fumaça branca, resultado da queima de plástico, couro e borracha, fazia arder a garganta e os olhos e deixava um gosto amargo na boca.

Matérias sobre o valão da avenida João Correa transbordando, nossa equipe perdeu a conta de quantas vezes fez. O canal que passa por uma das principais avenidas do centro de São Leopoldo era sempre vítima da ignorância da população e do descaso das autoridades. Nas galerias de um metro e meio de diâmetro, por onde se pode passar curvado, encontrava-se de tudo. Pneus, cadeiras, garrafas pet e até camas e sofás inteiros que trancavam na canalização. O resultado, em dias de chuva forte, era o cenário de uma via alagada até a altura dos joelhos e carros parando no meio da rua por encharcar os mecanismos.

Depois de repetidas cenas de destruição ao planeta, veio a primeira indagação. Será que nós, jornalistas e empresas de comunicação, conseguíamos retratar com profundidade e explicar de forma completa as tragédias que tinham a natureza e conseqüentemente o próprio homem como vítima? De que maneira o meu ou os outros veículos estariam tratando esse tema? O questionamento levou-me à iniciativa, mas descobri imediatamente que não gostaria de estudar o noticiário dos jornais. Surgiu-me a vontade de analisar algo mais especializado, que falasse diretamente àqueles que estariam preocupados com o planeta e que já teriam conhecimento dos riscos em decorrência das agressões ao meio ambiente. A revista Ecologia & Desenvolvimento veio atender a esse anseio.

Especializado em meio ambiente, o veículo chamou-me especial atenção por uma de suas seções: Páginas Verdes. A cada edição, uma personalidade ligada a áreas como sociologia, medicina, direito, política e tantas outras, mas sempre com um trabalho voltado para o meio ambiente, era entrevistada em Páginas Verdes, em um sistema denominado pingue-pongue. Em outras palavras, pergunta e resposta, repórter-entrevistado.

Neste trabalho de análise, buscaremos entender quais mensagens nos são transmitidas por um veículo de comunicação quando a questão é preservar a vida e o planeta e de que maneira essas mensagens chegam até nós, leitores, quando recebemos as observações de uma personalidade, ditas de forma mais direta, em uma entrevista pingue-pongue. Mais especificamente, quando lemos Ecologia & Desenvolvimento, a informação nos chega com um segundo ingrediente: a emoção. Ela se faz presente nas respostas, representadas por palavras como amor, carinho, coração, solidariedade, amizade. Buscaremos compreender de que maneira esse instrumento usado para chegar ao leitor, a emoção, contribui ou influencia quando a questão é preservar o planeta e especificamente o lugar onde se vive.

O dia-a-dia de um repórter de Geral está seguidamente ligado aos problemas de meio ambiente, de uma forma ou de outra. Basta estar na rua e haverá sempre na agenda algo relacionado à ecologia e à preservação da vida. O serviço de transporte precário com ônibus velhos deixando óleo pelo ar, as queimadas e derrubadas de árvores informadas pelas fiscalizações das prefeituras, as indústrias que depositam produtos químicos nas águas sem um tratamento prévio ou as invasões de terras

pertencentes a áreas de preservação ambiental estão todos os dias no noticiário. Como resolver tantos problemas é a busca incessante dos especialistas, que, em um veículo dirigido como Ecologia & Desenvolvimento, usam, além do conhecimento técnico sobre o assunto, um recurso a mais: o apelo à emoção. Lembram constantemente que todos os prejuízos trazidos ao meio ambiente vão atacar de forma mais feroz aqueles que amamos: nossos descendentes.

Quando a água for mais escassa ou quando enormes faixas de matas já não existirem, é possível que as condições de sobrevivência de nossos netos diminuam, e muito. A mensagem é constantemente lembrada e deixa marcas, percebidas por palavras e expressões a cada entrevista pingue-pongue apresentada em Ecologia & Desenvolvimento. O apelo emocional para que essas conseqüências não se materializem no futuro anda parelho com as observações técnicas. Queremos entender o porquê.

Embora essa mesma fusão razão-emoção apareça em outras áreas como política partidária, por exemplo, foi escolhida para o estudo a cobertura jornalística de meio ambiente por uma iniciativa de cunho pessoal. A experiência vivida em uma editoria de Geral, para onde acabavam sendo distribuídas as pautas relacionadas ao meio ambiente, deu-me mais vivência neste setor.

A escolha do assunto, conforme comentado anteriormente, veio da prática que deixou lembranças como esta: No meio do caos de uma invasão de área preservada, o fogão de duas bocas afundado na lama sob uma lona, fui convidada a

tomar um café com os ocupantes. Em uma dessas ocasiões, o local era o Morro do Paula, em São Leopoldo, divisa com Gravataí de um lado e com Novo Hamburgo de outro. Durante o café, ouvindo o barulho da chuva a bater na lona, lembrava aos meus entrevistados que aquela região havia sido declarada como área de preservação pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e que construir uma casa sobre aquele terreno seria proibido. Pior ainda seria construir as casas próximo da encosta. Além de proibido, seria arriscado.

Orientados por especialistas em cooperativas habitacionais e por advogados, eles conheciam o assunto em detalhes e providenciavam suas prévias defesas, explicando que a questão da moradia era séria demais para ser superada pela preservação ambiental, mas que ainda assim o morro não teria sua vegetação destruída pelo homem. As casinhas erguidas por meio de uma cooperativa seriam construídas de forma sustentável. E mais uma vez aqueles invasores, que prometiam preservar a natureza, traziam o discurso da necessidade de buscar uma vida melhor para os filhos, que teriam onde morar no futuro. Fosse em jornais diários ou em revistas especializadas, essa preocupação tão ligada ao emocional marcava presença. Estava na hora de estudá-la de forma mais detalhada. Segui então na busca de informações históricas e gerais sobre o meio ambiente, antes de saber exatamente como faria minha pesquisa. Encontrei alguns dados que reproduzo a seguir.

Nos últimos dez anos e principalmente no milênio que se iniciou, o Brasil e o

mundo tiveram muitas histórias para contar sobre meio ambiente. Algumas delas catastróficas, como derramamentos de óleo no mar, queimadas e desmatamentos. A Rio 92 deixou para o País uma responsabilidade com a natureza, mais do que em qualquer outro lugar. A Rio + 10, em 2002, na África do Sul, era o momento de cobrar os compromissos assumidos com a defesa do planeta uma década antes. Acompanhando esses acontecimentos, a imprensa. O País está no seu papel de cobrar providências na manutenção da vida e os meios de comunicação reproduzem esses fatos.

Uma terra que possui “um terço das florestas tropicais ainda remanescentes do planeta, 15% de reserva de água doce disponíveis e o maior patrimônio de biodiversidade nos dá autoridade no debate internacional de meio ambiente”, lembrava o então ministro interino do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho, no governo Fernando Henrique Cardoso (CARVALHO, 2002, p.5). Questões tão delicadas como a própria vida e a continuidade das espécies ameaçadas no mundo atual são sempre notícia. E um dos espaços nobres desse noticiário é o veículo especializado em meio ambiente.

A preocupação com a destruição da natureza se estabelece ao longo da história e a necessidade de conhecimento profundo sobre o tema para poder noticiar essa destruição urge. Meios de comunicação especializados em ecologia possivelmente são a conseqüência dessa necessidade.

Lutar pela defesa do meio ambiente não é algo tão novo quanto se acredita

no senso comum. José Bonifácio de Andrada e Silva e Joaquim Nabuco já imaginavam, em sua época, propostas progressistas na relação homem-natureza. No distante século XVIII já era percebido um modelo de produção que se tornava predatório no Caribe, no Pacífico, na Índia, na África e na América Latina (PÁDUA, 2001). Nos anos 30, Teilhard de Chardin já trazia questões como unificação do planeta (BOFF, 2001), à semelhança do que afirma Morin (2003) quando propõe a união dos povos na busca de melhorias sociais, de paz, de solidariedade, utilizando-se todos esses resultados para um fim maior, que é cuidar da natureza e conseqüentemente da vida no planeta. Embora os registros sobre preocupação com a natureza tenham centenas de anos, é em 1972 que se realiza o primeiro encontro dando a partida para a discussão ambiental internacional: a conferência da ONU em Estocolmo. Na primeira conferência mundial procurava-se suprir a necessidade de se buscar sempre mais dados a respeito do planeta e estabelecer uma discussão séria sobre as ameaças diárias.

A partir desse momento e nas décadas seguintes, as fontes especializadas (cientistas, técnicos, sociólogos) passam a ser valorizadas na cobertura de meio ambiente. Exemplo dessa valorização pode ser visto na revista Ecologia & Desenvolvimento, que utiliza o recurso da entrevista pingue-pongue, com pelo menos três páginas de espaço reservadas a cada edição. Três a quatro parágrafos são destinados à apresentação do entrevistado e o restante é dito pelo próprio, em um sistema de pergunta e resposta.

Embora o problema do meio ambiente e sua degradação já fosse percebido

por estudiosos muito antes do primeiro encontro mundial de 1972, é nesse período, ou alguns anos antes da Conferência de Estocolmo, que o mundo começa a viver uma de suas transformações sociais importantes. E junto com essas mudanças de comportamento há uma preocupação também com o meio ambiente. Harvey (1993, p.258) demonstra essa preocupação citando Toffler (1970), apontando a sociedade do descarte, uma sociedade que já não sabe o que fazer com o seu lixo e que não pensou que um dia teria tamanha quantidade de embalagens descartáveis para depositar em algum lugar. Da mesma forma, essa sociedade torna descartáveis as relações, os valores e os comportamentos.

> A dinâmica da sociedade do descarte começou a ficar evidente durante os anos 60. Significa mais do que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo); significa também ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, edifícios, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser. (TOFLER apud HARVEY, 1993, p.258)

O autor lembra ainda que a primeira conseqüência importante no período denominado pós-moderno é a de acentuar a volatilidade e a efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias, valores e práticas: “A sensação de que tudo é sólido se desmancha no ar raramente foi mais pervasiva.” (HARVEY, 1993, p.258).

No mesmo ritmo em que tudo é volátil e que essa descartabilidade se estabelece no mundo pós-moderno, a conseqüência pode ser vista espalhada por rios, mares e florestas, seja no formato da garrafa pet jogada nos arroios, provocando alagamentos, seja através do produto químico deixado por indústrias nas águas de um rio. A aceleração generalizada dos tempos de giro do capital (HARVEY,

1993) leva a essas conseqüências: águas tomadas pelo lixo que uma população consumiu e não aprendeu a destinar. Ou ainda resíduos envenenando um rio, vindos de uma fábrica que não se preparou para evitar agressões ao meio ambiente.

A volatilidade, segundo o autor, torna extremamente difícil qualquer planejamento a longo prazo. Uma dificuldade, diga-se, que contraria pensamentos a respeito de meio ambiente e de preservação da natureza para o futuro. O cuidado com o não-desperdício de água, por exemplo, deve ser uma preocupação mais do que a longo prazo, mas para o resto da vida, já que é um bem finito, como lembram todos os ambientalistas atualmente.

Citado por Hall (1999), Harvey, embora com leituras diferentes sobre pós-modernismo, também dá ênfase à descontinuidade, à fragmentação e à ruptura. E é a partir dessas rupturas ou descontinuidades que se dão os movimentos sociais. O autor nos lembra alguns movimentos associados a 1968: “juvenis, contraculturais, antibelicistas” (HALL, 1999, p.44). Todos eles faziam parte de um período pós-moderno, ou pós-industrial, direcionado para os serviços e para as novas tecnologias, em que cada um apelava para a identidade social de seus sustentadores. Com o meio ambiente não foi diferente. Fazendo um movimento contrário a essa volatilidade ou efemeridade, que coloca em risco até mesmo a vida, as manifestações sociais vão se firmando como instrumento de defesa ambiental e estão presentes até hoje. Seja pelo movimento mais sóbrio de uma determinada ONG (organização não-governamental), seja pelo grupo mais radical que ataca, com tubos de tinta spray, as top models vestindo casacos de pele. Mídias impressa e

eletrônica acompanham tudo, reproduzindo a iniciativa desses manifestantes para o mundo inteiro.

De forma mais sutil, a imprensa especializada se prepara de uma outra maneira para informar o leitor sobre os assuntos relacionados a ecologia e a meio ambiente. Em oposição à mera reprodução da agitação dos ativistas radicais sempre perseguidos pelas câmeras fotográficas, na cobertura especializada há uma outra prática: o leitor recebe explicações sobre biodiversidade, relação homem-natureza, escassez de água, mata atlântica ou animais em extinção. Mas, além disso, aparecerá também nessa cobertura um outro recurso para levar a notícia de forma mais contundente ao leitor: palavras e expressões que apelam para o coração serão pronunciadas pelo próprio entrevistado. Em meio a uma mensagem tão científica e tão técnica surgirão afirmações apaixonadas que envolvem amor, carinho, preocupação com o próximo. A contradição é curiosa e instigante. Autoridades das ciências sociais, da biologia da conservação, da medicina, da geologia, da agronomia ou da economia, entre outros especialistas, quando entrevistadas, deixam de lado a linguagem técnica para colocar em seus depoimentos frases como as exemplificadas abaixo, declaradas na Revista Ecologia & Desenvolvimento, seção Páginas Verdes:

> A educação ambiental, além de passar pela cabeça, deve também atingir o coração (PÁDUA, 2001, p.31).
>
> Tenho que ter algum carinho por esse neto que poderá herdar um mundo onde não vai ser possível respirar (RIBEIRO, 2001, p.28).
>
> É através de nossos olhos que se vêem as estrelas. Somos a consciência do mundo. Se apagarmos, o mundo apagou. (RIBEIRO, 2001, p.29).
>
> Uma criança saudável tem tudo o que um cidadão precisa ter dentro do seu coração. Uma criança saudável brinca com uma criança pobre, rica, preta, branca, suja, limpa.

> A felicidade de uma criança é brincar com outras crianças.” (NEUMANN, 2001, p.37).

As palavras, frases e expressões relacionadas acima, escolhidas aleatoriamente, citadas apenas para ilustrar a presença da emoção no discurso jornalístico, serão organizadas em capítulos adiante, analisando-se palavras como amor, felicidade, carinho, coração, amizade e solidariedade, entre outras, em um trabalho de Análise de Conteúdo e Análise Retórica.

Se é a própria vida que está em jogo e os espaços destinados à defesa do meio ambiente ainda são poucos, o apelo à emoção, encontrado nas declarações dos ambientalistas, pode ser uma forma de trazer resultados para ganhar a luta contra a degradação do meio ambiente. O jornalista Vilmar Berna observa que determinados recursos (entre eles a emoção) tornam-se indispensáveis para chamar a atenção da sociedade. O assunto esteve em discussão, em 1998, no 1º Fórum de Jornalismo e Meio Ambiente, e foi reproduzido pelo noticiário.

> Descobrimos que estavam morrendo patos silvestres. Animais mortos renderam uma boa foto. A mídia precisa de imagens e personagens. O jornalista está atrás da informação e o ambientalista usa essa informação para mudar a realidade (O DESAFIO..., 1998, p.71).

O painel discutia como conseguir mais destaque na mídia para o meio ambiente e de que maneira apresentar as questões ambientais para a imprensa. A imagem dos animais mortos foi uma das estratégias usadas para comover o leitor.

2 O CONTEXTO E O QUE BUSCAR NA PESQUISA

Ecologia & Desenvolvimento marca época na década de 90 com um jornalismo especializado em meio ambiente. Com sede localizada na rua Teófilo Ottoni, 123, 3º andar, centro do Rio de Janeiro, Ecologia & Desenvolvimento era publicada pela Editora Terceiro Milênio, que editava ainda as revistas Cadernos e Revista do Mercosul. A editora também é responsável pela publicação de livros como Enciclopédia do Mundo Contemporâneo (antes Guia do Mundo) e Almanaque Brasil. As duas últimas edições da Enciclopédia do Mundo Contemporâneo (anos 2000-2001 e 2002-2003) foram lançadas em parceria com a Publifolha, empresa do Grupo Folha de São Paulo.

2.1 Características

A principal contribuição da editora, segundo informações no *site* da própria empresa[1], era a divulgação do pensamento e da prática de nações, organizações, movimentos e lideranças que buscam para a humanidade um futuro de justiça social e equilíbrio ecológico. A Terceiro Milênio distribuía suas publicações em mais de 2 mil municípios do país. Muitos dos leitores eram professores e alunos dos ensinos Médio e Superior, que utilizavam as revistas em sala de aula e como fonte de pesquisa.

Fundada em 1991, a periodicidade de Ecologia & Desenvolvimento variou. Em

[1] Dados sobre a Terceiro Milênio e Ecologia e Desenvolvimento estão no endereço eletrônico www.etm.com.br.

determinados momentos era mensal e em outros, bimestral. Para a realização do trabalho estão selecionados 29 exemplares, entre janeiro de 2000 e junho de 2003. Se a periodicidade se mantivesse sempre mensal, o cálculo correto seria uma quantidade de 42 exemplares. Como essas publicações variam em seus prazos, foram reunidos 29.

Publicada em média com 48 páginas, possui seis seções fixas. Além de Páginas Verdes, espaço reservado para entrevista pingue-pongue com uma personalidade a cada edição, apresenta também as seções Foto do Mês, Ao Leitor, Econotas, Jardinagem e Borboletas. Foto do Mês mostra, em página inteira, imagens que revelem preocupações com a vida no planeta, sejam corais em extinção ou áreas desmatadas. Ao Leitor é a mensagem escrita pelo editor a cada nova publicação, em uma espécie de editorial. Econotas traz dicas, informações ou breves recados ligados ao noticiário de meio ambiente. Jardinagem coloca sempre uma planta ou flor em destaque e dá orientações sobre os cuidados. Borboletas mostra as mais variadas espécies, detalhando tamanho, família, subfamília, hábitos e alimentos consumidos. A capa traz a manchete e geralmente três ou quatro chamadas para as matérias mais importantes da edição.

Como foi referido na introdução desse trabalho, a necessidade de estudar a cobertura de meio ambiente em veículos impressos era cada vez mais clara em função da convivência com o assunto no dia-a-dia da reportagem de Geral. A escolha de uma publicação especializada veio no sentido de tentar qualificar a pesquisa. Em

um primeiro momento, a idéia de desenvolver um trabalho sobre jornalismo e meio ambiente somente a partir da prática jornalística levaria ao mais fácil e óbvio: reunir os jornais que nós mesmos, profissionais do jornalismo diário, produzíamos. O material estava ali, ao alcance da mão, no arquivo da empresa onde trabalhávamos. Mas as primeiras e mais prévias investigações levaram à desistência desse caminho. Ao fazer uma primeira busca em bibliotecas de universidades como a própria Ufrgs, a PUC, a Ulbra e a Unisinos, percebia-se que o número de monografias e dissertações analisando a imprensa diária em sua cobertura de meio ambiente era significativo.

Após as verificações realizadas e se afastando então desse caminho, a decisão tomada foi apostar em contribuir de uma forma mais efetiva na produção científica, utilizando-se como instrumento e objeto deste trabalho não uma publicação diária, mas uma publicação especializada, dirigida a um público que, supostamente, poderia aproveitar e absorver melhor a cobertura de meio ambiente por ler continuamente um material específico. Aliado a isso, uma revista especializada traria em seus conteúdos fontes (pessoas entrevistadas) também especializadas. E é no resultado da análise seção a seção que se percebe especificamente em Páginas Verdes o momento de a fonte se destacar. É no recurso da entrevista pingue-pongue que ela mostra todo o seu conhecimento e, mais do que isso, de que forma pretende difundi-lo, usando recursos além daqueles que já domina. Somado ao conhecimento que leva ao leitor através da entrevista que concede, essa fonte lembra que o saber que divulga não é construído apenas sobre informações puramente técnicas e frias. A este saber, acrescenta mais um item para reforçar seu recado de preservação do planeta: a emoção. Seguidamente, faz uma pausa em suas explicações sobre

biodiversidade, biosfera ou pensamento sistêmico para falar de amor, de felicidade, de solidariedade e de amizade, heranças que deverão ser deixadas para filhos e netos, para que tenham um planeta preservado das agressões do homem e assim possam viver com qualidade.

Páginas Verdes é a seção nobre de uma publicação de importância histórica no jornalismo especializado em meio ambiente. Ecologia & Desenvolvimento foi criada na efervescência da Rio 92, em março de 1991. Tinha o objetivo de difundir as preocupações ambientais, que naquele período repercutiam com mais intensidade no país em conseqüência da então prevista Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, marcada para junho de 1992, no Riocentro, Rio de Janeiro. Circulou regularmente até 2003. Durante os anos 90, falou praticamente sozinha sobre os grandes temas ambientais, apresentando matérias completas. Veículos destinados a ecologia e meio ambiente eram poucos no país quando a publicação iniciou seu trabalho.

A revista teve papel fundamental na reprodução do discurso ecológico e "[...] ajudou a firmar os valores socioambientais no Brasil no posterior imediato à Rio/92 - auge econômico e editorial da revista [...]" (TAUTZ, 2005, web)[2]. Hoje não circula de forma regular. O último número, com periodicidade bimestral, é datado de junho de 2003. Em março de 2005, uma edição ainda foi para as ruas e remetida a assinantes.

a) Ecologia & Desenvolvimento em números

[2] E-mail enviado à pesquisadora em março de 2005 por Carlos Tautz, editor de Ecologia & Desenvolvimento.

A publicação com 25 mil exemplares tinha sua distribuição em escolas e universidades, empresas e órgãos públicos federais, estaduais e municipais. Os assinantes representavam 68%; ficando outros 25% dos exemplares nas bancas. Os 7% restantes eram destinados a promoções. O perfil do leitor era dividido em 58% com formação universitária, 31% com formação média e 11% com formação fundamental. O veículo também alcançou resultados significativos em seu trabalho, obtendo premiações em nível estadual, nacional e internacional, segundo informações no endereço eletrônico da Editora Terceiro Milênio.

Premiações

1994 - Prêmio Gaúcho (Ouro, Prata e Bronze) concedido pelo Festival Internacional de Publicidade em Turismo e Ecologia (Fiptur).

1995 - Prêmio Bahia de Proteção Ambiental, concedido pela Cofir.

2000 - Prêmio Golfinho de Ouro à jornalista Beatriz Bissio, pela contribuição à causa ambiental na direção da revista Ecologia e Desenvolvimento, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro.

2001 - Prêmio Troféu de Comunicação do Mercosul, na categoria Jornalismo Ambiental em Revista (Ouro, Prata e Bronze), concedido em conjunto pela Associação Riograndense de Imprensa, Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão e pela Associação Latino-Americana de Agências de Publicidade (Alap), no 13º Festival Mundial da Publicidade, realizado no mês de junho, em Gramado (RS).

Independentemente de não mais ser encontrada em circulação, Ecologia & Desenvolvimento marcou época em um período em que as publicações destinadas ao meio ambiente eram poucas. Por isso exercia um papel fundamental na disseminação de informação específica sobre o assunto.

b) O pingue-pongue de Páginas Verdes

Interessando especificamente as entrevistas publicadas na seção Páginas Verdes, é importante definirmos aqui o que é exatamente uma entrevista jornalística e o porquê do termo pingue-pongue. A expressão pingue-pongue estabeleceu-se no meio jornalístico como um jargão e é usada até hoje para definir textos que mostram, uma a uma, a pergunta feita pelo repórter e a resposta dada pelo entrevistado, à semelhança de um jogo de pingue-pongue: pergunta-resposta, pergunta-resposta. A entrevista, segundo Medina (1990), é uma técnica de interação social, de interpretação informativa e serve também como uma forma de pluralizar vozes. A autora descreve ainda:

> Ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas conseqüências (MEDINA, 1990, p. 8).

Temos então uma análise geral sobre a entrevista, seja ela para concorrer a uma vaga de emprego, durante uma sessão de terapia, uma consulta médica ou um trabalho de pesquisa. Em todos esses casos o recurso é utilizado. A entrevista jornalística especificamente tem definições mais detalhadas. Morin (1973) a define a em quatro tipos: a primeira delas, a entrevista-rito, obtém declarações rápidas de jogadores de futebol, de misses ou de atores ao final de um evento em que tenham saído vitoriosos.

A entrevista anedótica é mais usada com vedetes, fazendo-se perguntas frívolas e complacentes com o entrevistado, normalmente na expectativa de que ele dê uma

resposta engraçada ou curiosa. A neoconfissão é aquela em que o entrevistado pode se desnudar e acabar fazendo uma revelação bombástica. É a última categoria, a entrevista-diálogo, que nos interessa. Entrevistador e entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade. É uma busca em comum. As Páginas Verdes de Ecologia & Desenvolvimento mostram essa busca, essa necessidade de mostrar ao leitor a importância da preservação do planeta. Para isso procuram um entrevistado que vá reforçar, em cada resposta, a relevância do tema.

O autor também se utiliza de subgêneros para explicar os vários tipos de entrevista. Entre eles está a enquete, normalmente uma pergunta rápida sobre um determinado assunto feita às pessoas na rua. Na entrevista investigativa o profissional de imprensa busca temas de repercussão pública e se utiliza de várias fontes para desvendar informações ainda não reveladas. Há ainda a confrontação, quando, mais do que uma simples entrevista entre repórter-entrevistado, organiza-se um debate ou uma mesa-redonda entre pessoas com pontos de vista opostos sobre um assunto em voga.

Já o perfil humanizado é aquela entrevista em que o entrevistado é alguém que vai trazer valores, comportamentos, históricos de vida, sem preocupação com glamurização ou sensacionalismo. Entre os subgêneros vai nos interessar este: entrevista conceitual. É o tipo de questionamento em que o entrevistador vai buscar bagagem informativa e notícia, pondo sua curiosidade e espírito aberto a serviço de determinados conceitos que, reconhece, a fonte a ser entrevistada detém. Fonte, no presente caso, é a pessoa que dá a entrevista e abastece o entrevistador de

informação. Na entrevista conceitual a própria palavra já demonstra que interessam os conceitos.

Colocando de forma mais geral e utilizando-se de uma definição de Medina (1990, p.18), a entrevista jornalística “é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular; por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada e lhe dá crédito, sem preocupações científicas”. Bueno (2002) lembra, porém, que a entrevista não é só jornalística, embora seja essa a que nos interesse. É usada nas pesquisas sociológicas, em intervenções terapêuticas e elaborações diagnósticas, entre outras atividades. Quando fala em assimetria, esclarece que ela é mantida como condição na entrevista, onde deve haver participação recíproca do entrevistador e do entrevistado. A autora detalha melhor a expressão.

> Na assimetria está implícita uma negação, negação da simetria que, no grego, quer dizer proporção justa. Na geometria pode ser considerada a correspondência, ponto por ponto, de uma figura em relação à outra, desde que colocadas num determinado plano, chamado eixo de simetria. Pode ser também a característica de uma figura, no sentido de coincidência de suas metades, no espaço, em relação a um plano. Na álgebra, a simetria implica reciprocidade e, em lógica, reversibilidade. Mais amplamente, o termo é utilizado para designar toda disposição na qual há correspondência dos elementos em jogo em determinada condição ou circunstância (BUENO, 2002, p.21).

Em capítulo adiante, analisando-se as entrevistas de Páginas Verdes por meio de metodologias de Análise de Conteúdo e Análise Retórica, perceberemos, após uma lista de palavras e expressões selecionadas, que o entrevistador e o entrevistado desempenham papéis equilibrados, estabelecendo uma correspondência e demonstrando que se há a presença de emoções bem demarcadas no texto, porque as duas partes convergem para esse comportamento, utilizando-se dele como mais

uma forma de convencer o leitor na importância de sua conscientização para a preservação do meio ambiente e da própria vida.

2.2 Definição do problema

O presente trabalho busca responder às seguintes indagações:

a) Qual a necessidade de declarações emocionadas, percebidas tanto no próprio texto quanto nos títulos das entrevistas de Páginas Verdes? A emoção seria uma estratégia para a construção dessa mensagem?

b) Que mensagem é essa que, mesmo trazendo muita informação científica, usa a emoção como apoio para o que expõe?

c) Como uma espécie de antídoto, a emoção (amor, carinho, solidariedade) estaria sendo usada pelos meios de comunicação como forma de defender o homem de sua própria capacidade de destruir a vida no planeta?

d) Razão e emoção caminham juntas quando se trata de jornalismo especializado em meio ambiente?

e) Quais estratégias de comunicação o jornalismo ambiental utiliza para veicular mensagens sobre meio ambiente?

Por meio das respostas obtidas a esses questionamentos, se não todos eles, ao menos alguns, buscamos uma conclusão para a pesquisa quanto à presença da emoção no jornalismo especializado em meio ambiente e sua utilidade ou validade.

2.3 Objetivos da investigação

O objetivo geral deste trabalho é verificar como as mensagens ambientalistas das fontes especializadas relacionam objetividade científica e emoção para sensibilizar o leitor a compreender a necessidade de preservação do meio ambiente. O que se busca no desenvolvimento da pesquisa está assim relacionado:

a) Mapear marcas que denotem emoção nos textos de jornalismo especializado em meio ambiente, listando expressões retiradas de Ecologia & Desenvolvimento.

b) Identificar fontes que originam essas marcas (emoção) e que permeiam o texto no jornalismo especializado em meio ambiente.

c) Explicar como a emoção consegue imbricar-se na mensagem do ambientalista para tornar-se sedutora para o jornalismo.

d) Identificar que estratégias de comunicação são usadas na construção dos textos de jornalismo especializado em meio ambiente.

3 VIDA E NOTÍCIA EM REDE

Quanto mais o mundo se globaliza, quanto mais a tecnologia permite a comunicação entre regiões, países e continentes, mais informação se recebe. Embora exista toda uma facilidade para uma união entre povos no sentido de populações se ajudarem umas às outras, como ocorreu recentemente no caso da Tsunami na Indonésia, ainda assim há muito o que desenvolver para que iniciativas de cooperação sejam mais concretas. A solidariedade em escala mundial até existe, mas é, de certa forma, embaçada por atitudes destrutivas ainda muito presentes e em grande quantidade, como guerras e conflitos que destroem cidades inteiras, deixam populações sem água potável, sem energia elétrica, sem combustível e sem terra em condições para semear. Morin (2002) chama a atenção para a forma negativa como diversos pontos da Terra se interligam ao longo da história. A era planetária, lembra ele, começa quando várias partes do planeta passam a entrar em comunicação, tomando conhecimento de regiões do mundo até então desconhecidas. E essa comunicação foi feita, em muitos momentos, da pior forma possível. Entre os exemplos, os bacilos e vírus vindos da Europa e da Ásia, que disseminaram e levaram rubéola, herpes, gripe e tuberculose aos índios da América. Já a América, por sua vez, fez o treponema da sífilis saltar de sexo em sexo até Shangai.

A era planetária se desenrola também através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração feroz das Américas e da África. Nas últimas décadas do século XIX, embora já houvesse uma corrida armamentista, França, Alemanha,

Inglaterra e Rússia não se atacavam mais diretamente umas às outras em seus territórios metropolitanos. Preferiam se lançar sobre o mundo dominando o que podiam, tudo em nome da expansão, do progresso, do desenvolvimento. O progresso, diz Morin (2002, p.26), "[...] parece ser a grande lei da evolução e da história humanas[...]", garantido pelo desenvolvimento da ciência e da razão.

A violência entre os povos acaba se tornando uma das formas de buscar o tão necessário desenvolvimento. Foi através do ódio, das guerras, do ímpeto de buscar o crescimento tomando outras terras, dominando outras civilizações, que a violência se estabeleceu definitivamente no século XX. A Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914-1918, tornou-se o primeiro grande denominador comum que uniu a humanidade, mas uniu através da morte. Vinte e um anos depois as cenas se repetiam, trazendo a Segunda Guerra (1939-1945), quando o Nazismo revelou seu horror nos campos de concentração. Cem milhões de homens e mulheres estavam envolvidos no conflito. Desse total, 15 milhões de homens armados foram mortos e 35 milhões era o número de vítimas civis.

Quando a grande guerra ia terminando, imensas esperanças de um mundo novo, de paz e de justiça ganharam corpo com a destruição do nazismo. Em 1945, porém, com a bomba de Hiroshima, o temor do perigo nuclear voltou a despertar. A guerra fria começou em 1947. O planeta estava polarizado em dois blocos, travando em toda a parte uma guerra ideológica. O bloco comunista entre URSS e China se dissociava já em 1960.

Pouco a pouco, até as décadas de 70 e 80, nos dávamos conta que o desenvolvimento tecnoindustrial determinava degradações múltiplas e a morte pairava na atmosfera. Começavam a surgir de maneira mais veemente as primeiras indagações sobre o que tinha sido feito com o planeta e sobre toda a poluição que se acumulava com o avanço da indústria e da tecnologia.

Os esboços de uma consciência planetária começavam a se desenhar. O homem percebia a persistência de uma ameaça nuclear global e passava a ter uma consciência ecológica planetária, procurando discutir internacionalmente a busca de soluções. Outro fato que marcou essa conscientização foi a chegada do homem à lua em 1969. A própria Terra vista pela Terra através de uma transmissão de TV acrescentou um passo importante para essa tomada de consciência.

A economia, a demografia, o desenvolvimento e a própria ecologia se tornaram problemas que dizem respeito a todas as nações e civilizações, ou seja, ao planeta como um todo. O desregramento demográfico está ligado a essas dificuldades. Progressos da higiene e da medicina nos países pobres fazem diminuir a mortalidade, mas não diminuem a natalidade. Previsões catastróficas anunciam a ultrapassagem das possibilidades de subsistência e a generalização da fome. Os pessimistas vêem um prosseguimento irreversível da degradação generalizada da biosfera com a modificação dos climas, o aumento da temperatura, a elevação do nível do mar e a extensão das zonas de seca. Os otimistas acreditam que a biosfera possui capacidade de auto-regeneração e de defesa imunológica e que a demografia se estabilizará em 8,5 bilhões de pessoas.

Do ponto de vista ecológico, os problemas mais gerais nos países industrializados são a contaminação das águas e inclusive dos lençóis freáticos, o envenenamento do solo por excesso de agrotóxicos, a urbanização maciça de regiões ecologicamente frágeis como as zonas costeiras, as chuvas ácidas e o depósito de detritos nocivos. Entre as dificuldades globais relativas ao planeta como um todo estão as emissões de CO2, que intensificam o efeito estufa, levando à decomposição gradual da camada de ozônio (MORIN, 2002).

Podemos perceber que o autor chama a atenção para o fato de que o homem já tem consciência de que não é possível resolver problemas como a fome, a demografia em explosão e os ataques à natureza sem pensar o mundo como um todo, como uma só pátria. O termo pátria ganha, inclusive, uma definição psicológica. Ele lembra que pátria é “um termo masculino-feminino que unifica em si o materno e o paterno” (MORIN, 2000, p.72). A mãe é a pátria em si, protetora, e o pai é o Estado, que oferece força, armas, autoridade, defesa. Com isso, os indivíduos encontram no Estado-nação a segurança e a comunhão que necessitam. Por outro lado, ao longo do tempo percebem que esses estados-nações já são pequenos para problemas inter e transnacionais.

Civilização tecno-industrial, homogeneização e modos de vida, desintegração de um mundo camponês, problemas ecológicos, drogas são questões planetárias que ultrapassam competências nacionais. O fechamento em si e a balcanização tornam-se os principais perigos do fim do milênio.

Chegamos aqui a um ponto crucial. A vida na Terra já não pode mais ser vista como algo individual, dividido em nações, cada um em seu território. Tudo está ligado em rede. O termo nos faz lembrar Capra (1996), quando se refere à teia da vida. Pois bem, voltemos aqui a Morin (2002) para fazer um *link* entre as idéias dos dois autores. Quando Morin aborda, ao longo da história, as guerras, a fome, o crescimento demográfico desenfreado e os prejuízos que os progressos tecnológico e industrial trazem para a natureza e para a qualidade de vida no planeta, parte dessas informações para chegar à hipótese de que o mundo está doente de desenvolvimento. Diagnosticada a doença, o homem começa a fazer uma tomada de consciência. Passa a perceber que não é apenas ele vivendo em um mundo do qual é dono. Precisa se submeter às regras da natureza, deixar de desmatar, de poluir ou de desperdiçar alimentos e água. Enfim, compreende que é parte de um todo e que é um dos fios de uma teia.

> O sentido em que é usado o termo 'ecológico' está associado com uma escola filosófica específica e com um movimento conhecido como 'ecologia profunda', que está rapidamente adquirindo proeminência. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida[...] Questiona todo esse paradigma com base numa perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida, da qual somos parte. (CAPRA, 1996, p.26)

Mais do que a vida vista como uma teia, Capra (1996) também expõe a idéia de um planeta vivo, lembrando a chamada hipótese de Gaia e as concepções de Terra viva, desenvolvidas por cientistas já no século XVIII. O autor recorda que o geólogo escocês James Hutton sustentava que os processos biológicos e geológicos estão

todos interligados, comparando as águas da terra ao sistema circulatório de um animal. Todas essas idéias, acrescenta Capra (1996), auxiliaram em um novo modo de pensar. O pensamento sistêmico é exercitado em termos de conexidade, de relações, de contexto.

O termo sistêmico serve de sinônimo para ecológico. O pensamento sistêmico aparece como uma espécie de substituição ao pensamento mecanicista, quando a relação entre as partes e o todo é invertida. Antes, a ciência acreditava que em qualquer sistema complexo o comportamento do todo podia ser analisado pelas propriedades de suas partes. A ciência sistêmica mostra que as propriedades das partes só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior.

E se até aqui abordamos as agressões ao planeta como um dos motivos para a tomada de consciência ecológica no mundo e toda a atividade em rede que se desencadeia, é importante também explicarmos a expressão ecologia. O termo se origina do grego *oikos*, que significa lar. Em outras palavras, ecologia é o estudo do lugar onde vivemos e as relações que mantemos com esse lugar. O termo foi introduzido por Haeckel[3] (ACOT, 1990).

Feita uma primeira definição sobre ecologia, retornemos a Morin (2003). O autor prega a solidariedade entre os povos como uma solução para manter a preservação do planeta. A política do humano, segundo ele, teria como missão mais urgente solidarizar o planeta. Outra vez a idéia de rede explanada por Capra (1996)

[3] Ernst Haeckel foi um dos primeiros autores a escrever sobre ecologia no ano de 1866.

aparece, somando-se a isso a necessidade de se desenvolver o amor ao próximo. Poderíamos ousar aqui a sugestão de uma rede mais entrelaçada ainda do que aquela proposta por Capra. A teia da vida só se estabelece verdadeiramente se possuir em suas conexões outros ingredientes para mantê-la firme: solidariedade e preocupação com o outro, elementos que aparecem por meio da emoção.

Para abordar a questão da emoção, Capra (1996) se apóia em outros autores: Maturana e Varela (2001). Ele lembra que os dois desenvolvem a teoria da autopoiese, o padrão de organização dos sistemas vivos. Explica que as interações de um sistema vivo com seu meio ambiente são interações cognitivas e o próprio processo da vida é um processo de cognição. Nas palavras de Maturana e de Varela citadas por Capra (1996, p.211), "[...]viver é conhecer" . Capra segue explicando, através dos referidos autores, que a cognição envolve todo o processo da vida, incluindo percepção, emoção e comportamento.

> Até mesmo as bactérias percebem certas características do seu meio ambiente. Nadam em direção ao açúcar e se afastam do ácido, sentem e evitam calor, se afastam da luz ou se aproximam dela [...] até mesmo uma bactéria cria um mundo[...] Há uma coloração emocional para cada ato cognitivo (CAPRA, 1996, p.211-212).

O autor observa ainda que as interações de um sistema vivo com seu meio ambiente são interações cognitivas e que o próprio processo da vida é um processo de cognição. Chegamos então a pontos que convergem. Viver, conhecer, criar um mundo, emocionar ou emocionar-se. Podemos passar então às análises do próprio Maturana (1998) e, a partir daqui, tentar entender como essas reações ocorrem

dentro da comunicação.

Enfocando a Biologia do Conhecimento, Maturana (1998) lembra que as emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento. São “disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (MATURANA, 1998, p.15). E é através desse esclarecimento que o autor ressalta a importância das emoções, trazendo exemplos inusitados como uma barata encontrada no meio da sala quando acendemos a luz. Ao gritarmos, diz ele, ela começa a correr de um lado para outro. Se ficarmos em silêncio, só observando, ela ficará no lugar onde está.

Razão e emoção, dependendo de como são utilizadas, externadas ou controladas, estarão juntas e em igual peso no resultado de uma ação. Outro exemplo colocado é o da secretária que vai pedir aumento ao chefe e é desaconselhada por uma colega de trabalho porque ele está de mau humor. Ou seja: a emoção poderá interferir nos resultados da ação. E são as duas juntas, emoção unida à razão, que vão compor um equilíbrio, o mesmo equilíbrio que pode ser externado através da construção de uma notícia que apresentará esses dois componentes.

> O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem para defender ou justificar nossas ações. Normalmente vivemos nossos argumentos racionais sem fazer referência às emoções em que se fundam, porque não sabemos que eles e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acreditamos que tal condição seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional é uma limitação? Não! Ao contrário, é sua condição de possibilidade (MATURANA, 1998, p.18).

Para começarmos essa explanação, observemos o que Maturana (1998) afirma sobre o entrelaçamento do emocional com o racional. O dito “fundamento emocional” exposto pelo autor é defendido como algo que não é uma limitação. Ele traz dados da história para defender sua teoria, relembrando que há 3,5 milhões de anos existiam primatas bípedes na Terra e que, como nós, tinham o caminhar ereto e possuíam ombros. O detalhe é que eles tinham um cérebro muito menor, cerca de um terço do atual. Esses primatas viviam em grupos pequenos de até 12, que incluíam crianças e adultos. Por exames na arcada dentária descobriu-se que esses grupos comiam grãos e eram caçadores apenas ocasionais. As pesquisas indicam que compartilhavam os alimentos e os machos participavam dos cuidados com as crias, em um modo de vida que funda uma linhagem que chega até o presente. O cérebro cresce de 430 cm3 para 1.500 cm3. Maturana tem uma análise própria para responder a que elementos se associa esse crescimento do cérebro:

> Tem-se dito, freqüentemente, que a história da transformação do cérebro humano está relacionada com a utilização de instrumentos, principalmente com o desenvolvimento da mão em sua fabricação. Não compartilho dessa opinião, pois a mão já estava desenvolvida nesses nossos antepassados. Parece-me mais factível que a destreza e a sensibilidade manual que nos caracterizam tenham surgido na arte de descascar as pequenas sementes de gramíneas da savana e da participação da mão na carícia, por sua capacidade de moldar-se a qualquer superfície do corpo de maneira suave e sensual. Ao contrário, eu defendo que a história do cérebro humano está relacionada principalmente com a linguagem. Quando um gato brinca com uma bola, está usando as mesmas coordenações musculares que nós. Se algo que vocês seguram cai no chão, vocês se envolvem em um jogo que não é diferente da brincadeira do gato. O macaco faz isso com uma elegância igual ou ainda maior que a de vocês, apesar de sua mão não se estender como a nossa. O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar. (MATURANA, 1998, p.19)

Em outra obra de sua autoria, o autor (1997) lembra que a cultura ocidental já absorveu o hábito de deixar as emoções em segundo plano, como se elas não

fizessem parte de tudo que construímos.

> A cultura ocidental à qual nós, cientistas modernos, pertencemos, menospreza as emoções ou, ao menos, as considera um recurso de ações arbitrárias que não merecem confiança, porque não surgem da razão. Essa atitude nos cega quanto à participação de nossas emoções em tudo o que fazemos (MATURANA, 1997, p.56).

Assim como nas palavras de Maturana (1997) a linguagem se entrelaça com o emocionar, na análise de Morin (2002) a sociedade busca uma consciência planetária usando como instrumento o amor e a solidariedade. É através da linguagem que vai ocorrer toda uma mediação de sentidos na construção das mensagens. Cuidar da Terra, um planeta apontado como doente do desenvolvimento, é algo cada vez mais necessário, sob pena de a própria espécie humana pagar o preço de desaparecer. Se os países se unem em redes de iniciativas sociais como ONGs para avaliar as destruições do meio ambiente ou para tentar resolver os problemas da fome, tudo isso está dentro da teia da vida.

Os valores e as relações pessoais, familiares, de amor precisarão também estar dispostos nessa rede da qual faz parte não somente o ser humano. É essa compreensão do todo que poderá dar aos habitantes da Terra a capacidade para uma renovação, para que seja possível sair de uma vez por todas da idade de ferro planetária, descrita por Morin (2002). O uso da emoção, das relações de amor, de solidariedade, feito em escala mundial, torna-se uma estratégia de defesa do planeta. E a linguagem que se entrelaça com o emocionar recebe uma espécie de “acabamento”, de “aperfeiçoamento”, quando esse entrelaçamento aparece na comunicação, externada por meio de um veículo como Ecologia & Desenvolvimento.

A idade de ferro planetária mostra que o mundo enfrenta problemas antigos, até hoje sem solução, ao mesmo tempo que acaba acumulando novas dificuldades tendo o progresso como justificativa. Exibe um extenso currículo de guerras entre os povos, mas mesmo assim não aprende a viver sem esses conflitos. Comprime-se em uma explosão demográfica que traz a fome como uma de suas conseqüências.

O planeta vive cada vez mais dependente da tecnologia, o que influencia diretamente na destruição da natureza. A concentração de populações nos grandes centros urbanos também descaracteriza vidas, costumes ou, pior do que isso, desfaz hábitos de pequenas aldeias e povoados onde grandes indústrias se estabelecem, mudando regras de alimentação, afetando a potabilidade da água, do ar, modificando a qualidade de vida, o bem estar, a saúde e, em última instância, a felicidade.

Morin (2002) questiona se nossa civilização não estará doente de desenvolvimento. A cura para a doença é apontada pelo autor sugerindo a maneira como determinados setores poderão reagir, usando solidariedade e amor ao próximo como cura para a doença. A tomada de consciência e uma maior solidariedade entre os povos, lembra Morin, poderá vir justamente quando o ser humano perceber essa agonia.

Terra Pátria (MORIN, 2002) é uma grande lista de contradições, de diferenças. Países unidos pela morte quando entram em guerra. Pessoas que buscam o amor

para tentar resolver suas fraquezas e se enfraquecem ainda mais com relacionamentos rápidos, separações, casamentos substituídos por outros também rápidos logo a seguir. Terra Pátria mostra os dois pólos de uma mitologia: a pátria como mãe afetuosa e o Estado como defensor, como protetor.

A natureza vista como mãe e definida dentro de uma idéia de rede e conexão também é encontrada nas análises de Sérres:

> Voando suficientemente alto para a ver toda, eis-nos ligados a ela pela totalidade dos nossos saberes, pela soma de nossas técnicas, pelo conjunto das comunicações, pelas torrentes de sinais, por todos os cordões umbilicais imagináveis, vivos e artificiais, visíveis e invisíveis, concretos ou de pura forma. Aparelhados assim desde muito longe, puxamos essas cordas até as compreendermos todas. A humanidade astronauta flutua no líquido amniótico, ligado à placenta da Mãe-Terra através de todos os canais de alimentação (SÉRRES, 1990, P.188,189).

Todas essas situações expõem um objetivo: a busca de um ambiente melhor para o planeta onde se vive. E nessa rede, cada indivíduo, grupo ou setor terá seu quinhão de responsabilidade. Nos próximos capítulos, veremos como a comunicação, ou mais especificamente o jornalismo, podem contribuir para essa busca. Mas antes de entrar especificamente na questão, é preciso que relembremos a seguir alguns conceitos do que é notícia, do que é jornalismo e também a teoria construcionista, desenvolvida para explicar a construção da notícia.

Com esses elementos, primeiro a notícia sendo construída, e depois a presença da emoção em nossas vidas como uma alternativa de mudança e de crescimento pessoal, explicada principalmente por meio das teorias de Capra, Maturana e Varela,

procuraremos demonstrar que emoção e comunicação (no presente caso, o jornalismo especializado em meio ambiente), juntas, podem ser um instrumento de conscientização e educação para a preservação do planeta.

3.1 Noticiário e meio ambiente: temas e conceitos

Sendo o objeto desse estudo uma publicação específica sobre meio ambiente, em outras palavras, uma revista especializada, é importante, antes de abordar o jornalismo especializado, relembrar alguns conceitos gerais de jornalismo e de notícia, usando também para isso algumas informações históricas. As notícias, em primeiro lugar, são resultado de um processo de produção, seleção e transformação de uma matéria-prima, no caso os acontecimentos, em um produto (TRAQUINA, 2004). Retornando a momentos anteriores, sabemos que o século XIX traz uma ruptura. Até esse período o jornalismo era praticado de um forma partidária, panfletária, com textos mais com intenção de formar uma opinião pendendo para certa tendência político-partidária do que propriamente informar. Com todo o avanço da indústria e o mundo tornando-se moderno a partir do século XIX, já sentindo os primeiros impactos tecnológicos, os jornais acabam conseqüentemente acompanhando esse ritmo.

É no século XIX que se aprofunda a obsessão pelo tempo. Assim como se desenrola o corre-corre da indústria em geral, com uma preocupação cada vez maior com prazos para produzir mais e mais artefatos, os jornais se profissionalizam e deixam de lado o discurso panfletário, preocupando-se mais com a hora do

fechamento da edição (momento de mandar imprimir o jornal) e procurando noticiar tudo o que foi destaque naquele dia. O autor lembra que foi o telégrafo um dos meios de ligar o jornalismo à atualidade, tornando possível noticiar de mais e mais lugares e permitindo aos jornais operar dentro de um presente instantâneo. É também no século XIX que surge uma tendência: a penny press. Sobre essa tendência em particular, Traquina (2004) destaca que ela funcionou como uma maneira de libertar os jornais do paradigma de arma política, o que trazia uma maior diversidade de informação. Com a penny press não só a política e o estrangeiro têm espaço no noticiário, mas também as informações sobre os tribunais, a polícia, os acontecimentos de rua e os acontecimentos locais.

Igualmente no século XIX é reforçada a imagem do repórter no jornalismo. É uma nova figura que já não fica mais em uma sala escrevendo discursos imensos contra esse ou aquele político ou partido. O repórter sai às ruas para trazer fatos à redação e toma nota de tudo o que percebe. Desenvolve-se aí uma técnica, transformando o trabalho de reportagem em uma espécie de ciência, que usa como ferramenta a estenografia. A idéia seria reproduzir para o leitor os fatos de forma idêntica, como se fossem um “espelho” da realidade.

A explicação construcionista, ao contrário, nega a teoria do espelho. As notícias, segundo o construcionismo, são histórias que resultam de um processo de construção lingüística, organizacional, social, cultural. E não podem ser vistas como o espelho da realidade. As atitudes políticas dos jornalistas - vistos como relativamente autônomos embora presos a uma linguagem, a uma empresa noticiosa, à negociação

com fontes - não são entendidas como fator determinante no processo jornalístico de produção de informação.

O paradigma da notícia como construção surge na investigação acadêmica sobre jornalismo nos anos 70. A pesquisa, na época, constitui um momento de ruptura, de mudança. A teoria construcionista defende também que a própria linguagem não pode ser uma transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque uma linguagem neutra seria impossível. Outro argumento diz que as publicações de notícias estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos:

> Não é de estranhar que o paradigma das notícias como construção não só considere o conceito de distorção como inadequado e pouco frutífero, como sobretudo discorde radicalmente da perspectiva das teorias que defendem que as atitudes políticas dos jornalistas são um fator determinante no processo de produção das notícias. (TRAQUINA, 2004, p.168)

Traquina (2004) faz outra observação, explicando que é comum os profissionais da área de jornalismo resistirem ao paradigma das notícias como construção, apesar de fazerem freqüentemente referência às notícias como “estórias” em sua gíria profissional. Lembra ainda que a teoria, abordando a questão como construção, reconhece que as notícias são narrativas marcadas pela cultura da sociedade onde estão inseridas, sendo preciso mobilizar todo um saber de narração que pressupõe a aprendizagem da linguagem jornalística.

Feitas algumas considerações sobre notícia e sua construção, é importante abordar também o jornalismo específico que trata de meio ambiente. É preciso

relembrar aqui alguns conceitos, explicando o que é jornalismo especializado. Jornais, por exemplo, são divididos em diversas editorias como política, economia, polícia, esporte ou variedades, entre outras. Em veículos de comunicação como revistas, há aquelas que dirigem seu noticiário para um assunto específico. Erbolato (1981), entre os vários tipos de jornalismo que exemplifica, relaciona ecologia ou meio ambiente, e entende como jornalismo especializado as seções ou páginas diversas de um matutino ou vespertino.

O autor ressalta que seu livro não se destina a revistas que se dedicam exclusivamente a um assunto. Embora faça essa observação, concede-nos, mesmo assim, a orientação que precisamos, relacionando, entre as seções que aborda, o meio ambiente como uma especialização do jornalismo. Nos questionamentos mais comuns dentro desse setor, lista assuntos como qualidade do ar, medidas de proteção ou prevenção tomadas por prefeituras para instalação de indústrias, atividades de pesca, campanhas em favor do meio ambiente, preservação de reservas florestais, leis que impeçam a poluição e doenças provocadas por resíduos deixados na atmosfera.

Bacchetta (2000) define o jornalismo ambiental como o tratamento, pelos meios de comunicação de massa, dos temas relacionados com o meio ambiente. O autor lembra ainda que se considerarmos o meio ambiente como o conjunto de sistemas naturais e sociais habitados pelo homem e pelos demais seres vivos existentes no planeta, o jornalismo ambiental é um dos gêneros mais amplos e complexos de jornalismo.

A amplitude do jornalismo ambiental, explica ele, pode ser percebida pela independência que precisa ser mantida nos mais diferentes campos. Informações sobre extinção de espécies ou fontes renováveis de energia, por exemplo, estão relacionadas com outros aspectos como a política, a cultura e a economia. É claro que essas áreas devem ser consideradas, como em todo processo transdisciplinar, mas não podem fazer com que o assunto se torne puramente econômico, político e assim por diante. A complexidade do jornalismo ambiental, adverte o autor, não permite reduzi-lo a análises e descrições simplistas.

> O jornalismo ambiental é um tipo de comunicação especializada que requer uma preparação, desde o momento em que deve lidar com uma grande variedade de conhecimentos, muitos dos quais exigem o domínio de informações de diversas ciências e teorias, desde as físicas e naturais, até as sociais e culturais. (BACCHETTA, 2000, p. 18)

Bacchetta (2000) alerta ainda que em determinados momentos houve uma tendência a classificar o jornalismo ambiental como um ramo do jornalismo científico. Ele observa, porém, que por maior que seja a amplitude de olhares com que se possa ser tratado o jornalismo científico, o jornalismo ambiental ultrapassa, porque envolve aspectos como concepções filosóficas e éticas. E algumas ciências excluem expressamente a possibilidade de emissão de opiniões.

O jornalismo ambiental é um fenômeno recente, com não mais do que 30 anos (BACHETTA, 2000). A trajetória de seus pioneiros está cheia de histórias dramáticas, principalmente em países onde os profissionais dessa área eram

perseguidos ou censurados. No Brasil, por exemplo, Randau Marques questionou em 1960 a denominação “defensivo agrícola”, mudando-a para “agrotóxico”. Em 1968, durante a ditadura militar, foi acusado de subversão. Também foi preso por escrever em um diário de Franca, em São Paulo, sobre a intoxicação provocada nos funcionários de uma fábrica de calçados localizada naquela cidade. Por esses motivos, os jornalistas ambientais têm se organizado em agremiações e associações pra se defender dos desafios da atividade.

Descrevíamos anteriormente o jornalismo especializado para, agora, explicar, o porquê da opção pelo etnoconstrucionismo neste trabalho, uma das teorias apresentadas por Traquina. Reunimos a teoria etnoconstrucionista (uma das ramificações do construcionismo) e a Biologia do Conhecimento, exposta por Maturana e Varela, para procurar entender a importância das expressões que denotam emoção no conteúdo das entrevistas pingue-pongue de “Ecologia & Desenvolvimento“.

A teoria etnoconstrucionista, como observávamos, rejeita a teoria do espelho. Antes de entrarmos propriamente no assunto, relembremos o que é a teoria do espelho. Ainda vigente entre os profissionais de imprensa na atualidade, a teoria do espelho surge em meados do século XIX. Depois de os jornais abandonarem o discurso panfletário, um novo tipo de jornalista surge. O profissional então passa a ser definido como um observador que relata acontecimentos com honestidade e equilíbrio, sempre cauteloso para não emitir opiniões pessoais.

> O positivismo reinante no século XIX teria feito com que todo o esforço intelectual, tanto na ciência quanto na filosofia, ambicionasse imitar um novo invento - a máquina fotográfica - que `parecia o espelho há muito procurado, capaz de reproduzir o mundo real´ (Traquina, 2001) [...] Traquina reconhece que, dificilmente, os membros da tribo jornalística aceitam qualquer ataque à teoria do espelho. Afinal, a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estariam baseadas nas seguintes crenças sociais: as notícias refletem a realidade, os jornalistas são imparciais devido ao respeito das normas profissionais e, portanto, simples mediadores que reproduzem o acontecimento da notícia. (MORENO, 2002, p. 66).

Embora ainda muito presente no meio jornalístico, a teoria do espelho é vista como algo carregado de ingenuidade. Buscando uma perspectiva que rompa com esse paradigma, utilizaremos a teoria etnoconstrucionista. Entre outros pontos, a teoria etnoconstrucionista, para explicar porque as notícias são como são, se caracteriza por dois fatores: tempo e espaço. Melhor detalhando, o horário de fechamento da publicação e a ordem no espaço.

Para este trabalho interessará o fator espaço, já que o veículo escolhido não é uma publicação diária e, portanto, não sofre de forma tão intensa a pressão do fechamento da edição ao final de cada dia. Na questão espaço, a teoria etnoconstrucionista aborda a territorialidade geográfica, a especialização organizacional e a especialização em termos de temas, em outras palavras, editorias definidas por assuntos. Para o desenvolvimento desta dissertação, interessará o terceiro item, relativo a temas. Como o objeto estudado é uma publicação especializada no tema meio ambiente, a investigação será feita por esse viés.

3.2 Notícia e complexidade unidas para uma construção social

Assemelhando-se ao que queremos pesquisar, tomamos como exemplo a análise de Traquina (2003). O processo de produção das notícias na teoria

etnoconstrucionista, detalha o autor, é um processo interativo onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo. O que ajuda a potencializar toda a dinâmica e complexidade do jogo noticioso é a identificação de três categorias de jogadores: os promotores da notícia, os jornalistas e os consumidores da notícia. Defende a posição de que a formação da rede noticiosa e a forma como os jornalistas estão distribuídos nessa rede têm importância teórica, já que seriam a chave da construção. As fontes são quem são porque estão ligadas a setores decisivos da atividade política, econômica, social ou cultural.

Analisando-se especificamente a revista Ecologia & Desenvolvimento, esse argumento é defendido por um grupo de promotores da notícia em um universo relativamente pequeno. A cada edição, uma pessoa convidada, e apenas uma, ocupa um espaço nobre da publicação para deixar sua mensagem. Essas fontes são normalmente pessoas conhecidas por sua atuação em determinado setor e já possuem um contato considerável com profissionais especializados na área.

Traquina (2003) lembra que um jornalista competente trata de avaliar sempre a autoridade da fonte, a produtividade e a credibilidade. Essas pessoas notadamente de prestígio no meio ambiental fazem parte de um pequeno grupo que vai auxiliar a construir a notícia. Formam com o repórter o jogo noticioso do pingue-pongue.

Entre uma pergunta e outra, com espaço para falar quase na íntegra sobre o assunto escolhido na edição, a fonte constrói sua mensagem de forma a despertar a consciência do leitor para os problemas do planeta através da solidariedade. Faz desse despertar uma estratégia de convencimento. O jornalista, por sua vez, entra

nesse pingue-pongue como o jogador que dará mais ritmo à partida, aproveitando cada frase carregada de emoção, destacando-a no texto para ser notada por um terceiro participante - observador atento do jogo -, o leitor.

> A autoridade da fonte é um critério fundamental para os membros da comunidade jornalística. O fator da respeitabilidade refere-se aos procedimentos dos jornalistas que preferem fazer referência a fontes oficiais ou que ocupam posições institucionais de autoridade. Segundo Gans (1979, p. 130): `Presume-se que essas fontes sejam mais credíveis, quanto mais não seja porque não podem permitir-se mentir abertamente e porque são consideradas mais persuasivas em virtude de as suas ações e opiniões serem oficiais'. (TRAQUINA, 2003, p.105)

Na teoria etnoconstrucionista, o espaço usado para a exploração de determinado assunto especializado é importante, assim como a relação com as fontes e a credibilidade que essas últimas são capazes de oferecer para convencer o leitor. Especificamente na questão do meio ambiente, esses elementos de persuasão mostrados na citação acima podem ser vistos, no presente caso, através das marcas encontradas no texto, caracterizadas pelo argumento de preservar o planeta através da preocupação e do amor ao próximo e aos descendentes. Em cada título de matéria, em cada texto esse conteúdo é reforçado. Repórteres, promotores da notícia e leitores acabam fazendo parte de uma rede noticiosa marcada pela emoção, usada pelo promotor da notícia tanto quanto a razão.

Explicar essa emoção presente no conteúdo das entrevistas de Ecologia & Desenvolvimento terá a necessidade não só das teorias ligadas ao jornalismo mas também do estudo de teóricos de outras áreas, como a Biologia do Conhecimento - apresentada por Maturana e Varela - e a Teoria da Complexidade, desenvolvida por Morin, em uma tentativa de se fazer uma pesquisa de proposta transdisciplinar.

Foi através das idéias de Morin (2004), sobre não bastar conhecer somente uma disciplina para saber todos os problemas ligados a ela, que buscamos o incentivo para a preparação de um trabalho transdisciplinar na comunicação, juntando aos conhecimentos sobre jornalismo outras disciplinas, assuntos ligados à biologia, à psicologia e a compreensão de que é preciso reformar o próprio pensamento, unindo diferentes ciências para que determinados processos ocorridos na comunicação sejam estudados por um paradigma atual. A ecologia é uma das áreas onde a transdisciplinaridade já se encontra presente. Para explicá-la, trouxemos detalhes sobre o pensamento complexo e a própria transdisciplinaridade. Buscamos levar esses conceitos para a comunicação, usando o jornalismo especializado em meio ambiente como objeto de estudo.

Em primeiro lugar, é necessário explicar o que é complexidade. Segundo Morin (2003), é um fenômeno quantitativo, uma extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades. O autor acrescenta que qualquer sistema vivo, mesmo o mais simples, combina bilhões de unidades. O cérebro humano, por exemplo, tem 10 bilhões de células. O organismo, mais de 30 bilhões. Mas é importante ressaltar também que a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações. Envolve incertezas, indeterminações e fenômenos aleatórios. Está ligada a uma mistura de ordem e desordem. Até recentemente, era próprio da ciência eliminar a imprecisão, a ambigüidade, a contradição. Hoje aceita-se que a ciência também tem imprecisões. Por isso precisa de abordagens mais abrangentes, mais complexas. Sobre o assunto, o autor afirma:

> Uma tal teoria permite revelar a relação entre o universo físico e o universo biológico, e assegura a comunicação entre todas as partes do que nomeamos o real. As noções de física e de biologia não devem ser reificadas. As fronteiras do mapa não existem no território mas sobre o território, com arames farpados e os fiscais da alfândega. Se o conceito de física se alargar, se complexificar, então tudo é físico. Digo que então a biologia, a sociologia, a antropologia são ramos particulares da física; do mesmo modo, se o conceito de biologia se alargar, se complexificar, então tudo o que é sociológio e antropológico é biológico. A física como a biologia deixam de ser redutoras, simplificadoras e tornam-se fundamentais. Isto é quase imcompreensível quando se está no paradigma disciplinar onde física, biologia, antropologia são coisas distintas, separadas, não comunicantes. Trata-se, com efeito, de uma abertura teórica, de uma teoria aberta que vamos nos esforçar por elaborar. Doravante o leitor pode ver que ela permite a emergência, no seu próprio campo, do que tinha sido rejeitado fora da ciência: o mundo e o sujeito. (MORIN, 2003, p.55-56).

É neste alargar de pensamentos que se situam observações noticiadas em um veículo especializado em meio ambiente. As ciências ficam à disposição do leitor nas declarações de cada especialista ou cientista entrevistado que detalha ao máximo um determinado assunto que conhece bem, utilizando-se não só de sua especialização, mas se valendo de conhecimento além de sua área de formação. Esse conhecimento científico não se resume a uma análise única e solitária. Em entrevistas publicadas na seção “Páginas Verdes”, por exemplo, o economista traz conceitos de desenvolvimento sustentável.

A médica vive o dia-a-dia de seu trabalho exercitando a assistência social. O engenheiro agrônomo está diretamente em contato com movimentos sociais como o MST quando desenvolve um determinado projeto em uma região de zona rural. Todas essas interações e interferências, características da complexidade, são percebidas no texto e contribuem para mais uma grande interação: a emoção, descoberta na fala do entrevistado em um momento ou em outro, como uma espécie de reflexão de todo aquele conhecimento passado a quem lê o material

publicado por Ecologia & Desenvolvimento.

E é assim que o homem vai estabelecendo uma unidade da ciência (MORIN, 2003). Uma unidade que, antes, com o positivismo lógico, não era possível acontecer. O autor observa que a "unidade da ciência respeita física, biologia, antropolgia, mas quebra o fisicismo, o biologismo, o antropologismo". Com a unidade da ciência é possível olhar para o incerto, para o ambíguo e para o contraditório. A emoção, antes vista como algo distante da razão e impossível de estar ligado à ciência, agora é um elemento tão importante quanto qualquer outro na hora de o cientista expor seus conhecimentos e conclusões. É a partir dessas constatações que percebemos também a transdisciplinaridade caminhando junto com os textos estudados. Já não é mais possível pensar o mundo ou a vida divididos em disciplinas, como se fazia no estruturalismo. Sobre transdisciplinaridade Morin (2003) reforça:

> Transidisciplinar significa hoje indisciplinar. Qualquer grande instituição burocratizada – a ciência – qualquer corpo de princípios resiste ao menor questionamento, rejeita com violência e despreza como "não-científico" tudo o que não corresponde ao modelo. Mas há uma incerteza no conceito de ciência, uma brecha, uma abertura, e qualquer pretensão em definir as fronteiras da ciência de maneira segura, qualquer pretensão ao monopólio da ciência é por isso mesmo não-científica. Vão perseguir-me até a morte pelas inocentes verdades que profiro aqui mesmo. Mas é preciso que as diga, porque a ciência tornou-se cega na sua incapacidade de controlar, de prever, e mesmo de conceber o seu papel social, na sua incapacidade de integrar, de articular, de refletir os seus próprios conhecimentos. Se, efetivamente, o espírito humano não pode apreender o conjunto enorme do saber disciplinar, então é preciso mudar, quer o espírito humano, quer o saber disciplinarizado (MORIN, 2003, p.76).

A emoção encontrada junto com explicações técnicas e científicas – como no caso das Páginas Verdes de Ecologia & Desenvolvimento – está ligada à transdisciplinaridade e à complexidade. Morin (2004, p.14) também deixa clara essa

constatação quando faz nova crítica ao “retalhamento das disciplinas”, o que tornaria impossível apreender “o que é tecido junto”. Complementa ainda o autor:

> Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais freqüência, com os desafios da complexidade. (MORIN, 2004, p.14)

É exatamente o retalhamento das disciplinas, criticado pelo autor, que muitas vezes impede enxergar de forma mais clara aquilo que também é explicado por Maturana (1998): o fato de que razão e emoção andam juntas. O próprio Morin (2004) relaciona coisas como o econômico e o político juntamente com o afetivo, o que é, de alguma forma, semelhante às conclusões de Maturana. Com o meio ambiente não poderia ser de outra forma. Especificamente sobre ecologia, Morin (2004) lembra que a idéia de sistema foi introduzida sob a forma de ecossistema em uma ciência que se iniciou no século XIX e teve o ápice de desenvolvimento a partir da década de 60: a ecologia, ciência que recorre a várias disciplinas como zoologia, botânica e microbiologia. Recorre também às ciências humanas para analisar as interações entre o mundo humano e a biosfera. Leff (1998) também tem algo a contribuir quanto à transdisciplinaridade e à ecologia.

> A reintegração do mundo não remete, pois, a um projeto de reunificação do conhecimento. A emergência do saber ambiental rompe o círculo “perfeito” das ciências, a crença numa idéia absoluta e a vontade de um conhecimento unitário, abrindo-se para a dispersão do saber e a diferença de sentidos. Desta maneira, o corpo teórico, os conceitos e métodos das novas disciplinas ambientais nascem de um processo de produção teórica que responde à problematização das ciências; são estas ramificações ambientais do conhecimento, entretecidas com saberes e práticas “não-científicas”, que permitem enlaçar novos saberes, como também integrar processos de diferentes ordens de materialidade e de sentido, para construir uma nova racionalidade teórica, social e produtiva (LEFF, 1998, p.229).

O entrevistado de “Páginas Verdes” é um reflexo desse enlace descrito por Leff (1998). Dá explicações detalhadas e científicas ao leitor sobre a vida na terra, mostra os caminhos para a preservação do planeta e deixa claro que essa preservação depende de vontade, de preocupação com o outro e do conhecimento em múltiplas áreas, até mesmo saberes e práticas não-científicos, como Leff observava anterioromente. Melhor exemplo para retratarar uma situação assim é quando uma das entrevistadas da revista, que é médica, afirma: “[...]em uma casa onde entra sol não precisa entrar médico[...]” (NEUMANN, 2001, p. 36). A afirmação, conta ela, foi passada pela avó, o que não deixa de ser um modo transdisciplinar de ver o mundo. A médica não se utiliza somente do conhecimento formal da medicina, mas do ensinamento passado por um familiar. Além da transdisciplinaridade, novamente a questão da emoção marca presença, assunto que passamos a aprofundar.

3.3 Emoção e cognição: mais detalhes

A grande motivação deste trabalho nasceu da percepção de expressões que demonstravam emoção nos textos publicados em Páginas Verdes. Chegamos ao momento de detalhar o que é exatamente emoção e como ela se apresenta especificamente no organismo humano. Para Capra (1996), por exemplo, está relacionada com o ato cognitivo. O autor afirmava, inclusive, que existiria uma coloração emocional para cada ato cognitivo. Por isso, também quando falamos de emoção, precisamos relembrar alguns esclarecimentos sobre cognição. Voltemos a

Morin para a abordar a cognição:

> Os genes constituem um padrão hereditário de natureza cognitiva/informacional da célula. Da mesma maneira, o ser vivo, seja ele dotado ou não de um sistema neurocerebral, retira informações de seu meio ambiente e exerce uma atividade cognitiva inseparável de sua prática de ser vivo. Ou seja, a dimensão cognitiva é inseparável à vida.
>
> Essa dimensão cognitiva pode ser chamada de computacional. A computação é o tratamento de estímulos, de dados, de signos, de símbolos, de mensagens, que nos permitem agir dentro de universo exterior, assim como de nosso universo interior, e conhecê-los.
>
> E isto é fundamental: a natureza na noção de sujeito tem a ver com a natureza singular de sua computação, desconhecida por qualquer computador artificial que possamos fabricar. Essa computação do ser individual é a computação que cada um faz de si mesmo. É um cômputo. O cômputo é o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro de seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa, etc (MORIN, 2004, p.119-120).

A informação, a leitura sobre meio ambiente em um determinado meio de comunicação não deixa de ser uma forma de cômputo, no sentido de buscar preservação. O indivíduo trata dados e mensagens, processando-os e levando-os adiante, disseminando-os após esse processamento. Ainda sobre cognição, a medicina, mais especificamente nas especialidades de neuropsiquiatiria e neurologia, tem feito análises como esta:

> No passado, enfatizava-se muito a divisão tripartite do funcionamento mental humano em cognição, motivação e afeto. A cognição englobava linguagem, memória e, sobretudo, raciocínio lógico. O afeto estava ligado à valoração do que é prazer ou desprazer, ao conteúdo emocional da vida. Por último, a motivação correlacionava-se com nossas necessidades mais básicas: sono, sexo, fome, sede, etc. Atualmente, essa classificação estanque está ultrapassada. Há razões neurobiológicas, psicológicas e filosóficas que justificam superar tal segmentação. Sabemos, por exemplo, que estruturas do encéfalo ligadas à memória estão diretamente associadas a fenômenos afetivos e da motivação. Do ponto de vista psicológico, não se pode falar em memória sem falar em emoção. Por isso, o conceito de cognição abrange toda a capacidade de processar informações, de reagir ao que percebemos no mundo e em nós mesmos (SANTOS, 2004, WEB)[4].

[4] O neuropsiquiatra Cláudio Guimarães dos Santos fez a afirmação em entrevista concedida ao médico Drauzio Varella, no site www.drauziovarella.com.br em 30 de agosto de 2002.

É o processamento da informação o começo de um caminho que leva em sua estrada dois veículos lado a lado: razão e emoção. Damásio (1996) sustenta que as emoções estão longe de ser apenas um luxo. Desempenham uma função na comunicação de significados a terceiros e podem ter um papel de orientação cognitiva. As emoções, segundo o autor, são processadas e detectadas por um componente do sistema límbico do cérebro, que é a amígdala. É necessário esclarecer: amígdala (THAGARD, 1998) é a parte do cérebro próxima ao tronco cerebral na qual se pensa ocorrer a evolução mental. O córtice frontal ou neocórtex é a parte do cérebro onde se acredita estar baseado o pensamento de alto nível.

Os núcleos neuronais da amígdala têm uma representação dispositiva que desencadeia a ativação de um estado do corpo. O medo é um dos desencadeamentos que Damásio (1996, p.161) exemplifica: “Um pinto no alto de um ninho não faz idéia do que é uma águia, mas reage com alarme e esconde a cabeça quando um objeto de asas largas o sobrevoa a determinada velocidade”. O autor traz essas explicações para definir, em um primeiro momento, a emoção primária. Segue depois explicando também a emoção secundária. Para este segundo tipo de emoção, coloca exemplos da rotina e do dia-a-dia. Entre eles, a experiência de encontrar subitamente um amigo que não vemos há muito tempo. Ou ainda, em outro exemplo, ficar sabendo da morte de um colega com quem já trabalhamos durante muitos anos. Em qualquer desses casos, diz ele, há reações percebidas no corpo.

Ao encontrar um antigo amigo, o coração pode bater depressa, os músculos do rosto mudam ao redor da boca e dos olhos para formar uma expressão feliz. A notícia da morte de alguém próximo também poderá causar sobressalto ao coração, contração na barriga, sensação de boca seca e músculos contraídos no rosto expressando tristeza. Surgidas essas reações, logo depois formamos imagens mentais dessa pessoa amiga que morreu, as consequências que essa morte trará e lembramos momentos bons vividos no passado. Nessas chamadas emoções secundárias, experienciadas pelo ser humano, o estímulo pode ainda atuar diretamente na amígdala, mas agora é também analisado no processo de pensamento e ativa, a partir daí, os córtices frontais. Simplificando, as emoções secundárias utilizam a maquinaria das emoções primárias. As mudanças no corpo trazidas por uma emoção são representadas então no sistema límbico e somatossensorial. A natureza "não selecionou mecanismos independentes para exprimir emoções" (DAMÁSIO, 1996, p.168).

As emoções estão, assim como outras reações do cérebro, inseridas no mecanismo neural. Outro ponto importante exposto por Damásio (1996, p.169) é que ele faz, de forma semelhante a Maturana, uma diferenciação entre emoção e sentimento: "Repare que, de momento, estou deixando de fora da emoção a percepção de todas as mudanças que constituem a resposta emocional. Reservo o termo sentimento para a experiência dessas mudanças". Não há dúvidas que "sentimos", como se diz no senso comum, determinadas reações em nosso corpo sempre que somos tomados por alegria, tristeza, raiva ou surpresa. Mas essas reações são conseqüências de um estímulo no mecanismo neural.

A diferenciação entre uma palavra e outra é importante para que se perceba que sentimento nem sempre está relacionado com emoção: “Todas as emoções originam sentimentos, mas nem todos os sentimentos provêm de emoções” (DAMÁSIO, 1996, p.172). O autor usa como exemplo o sorriso treinado para uma fotografia. O sentimento que expressaria alegria, ali representado, não contém uma emoção. As emoções mais universais, segundo o autor, são felicidade, tristeza, cólera, medo e nojo. Quando o corpo se conforma aos perfis de uma dessas emoções, ficamos felizes, tristes, irados, receosos ou repugnados.

No diálogo entre repórter e entrevistado, cada uma das partes também está fazendo seu cômputo, transmitindo, pelas páginas da revista, significados, mensagens, buscando levar ao leitor aquilo que possui em seu universo interior, dando a ele a informação que precisa e procurando construir uma notícia sobre a necessidade de preservação, de proteção e de defesa. É através do pensamento complexo (MORIN, 2004), abordando o meio ambiente de forma transdisciplinar, que entrevistador e entrevistado vão levar emoção e informação a quem lê o material publicado em Páginas Verdes. Mesma emoção que está sendo registrada junto com o pensamento, contribuindo para que informações sobre meio ambiente levadas ao leitor estejam construídas sobre um todo: racional e emocional.

3.4 Entrevistador-entrevistado: construção conjunta

Além do texto apresentado já pronto, publicado em Páginas Verdes, as declarações emocionadas que aparecem nas entrevistas são resultado, também, de

um momento anterior a esse, um primeiro momento de construção dessa notícia: a conversação entre repórter e entrevistado, que depois será transcrita para a publicação. Antes de um texto impresso e pronto para ser lido, há todo um processo de entrelaçamento entre a liguagem e o emocionar, explicitado pela fonte de informação e captado pelo repórter. Essas constatações se aproximam do que diz Maturana, quando afirma afirma que é a linguagem que se entrelaça com o emocionar (Maturana, 1998). Além da questão da emoção, Maraschin (1997, 2003) também faz observações sobre cognição e leitura, lembrando que o processamento de informação hoje se dá de uma forma muito mais rápida em função da disponibilidade das mídias. Nesse processamento de informação, estão incluídas razão e emoção. Especificamente sobre emoção, Maraschin[5] (2005) analisa:

> No texto impresso vai depender de que linguajar está. Em que domínio de conversação foi escrito. Uma entrevista não deixa de ser o estabelecimento de uma conversação. Temos que considerar que a entrevista partiu de uma conversa presencial. Tinha um entrevistador, tinha todo um conjunto de circunstâncias de uma conversação. Numa entrevista convocamos o sujeito e ele aparece. E não vai aparecer só racionalmente, mas aparece sustentando emocionalmente suas posições. É uma conversa que depois se faz texto, o que seria diferente se essas pessoas mandassem uma matéria escrita. Aí quem sabe essa ordem do linguajar aparecesse mais do que a questão do emocionar. Em uma análise das perguntas pode se ver o quanto se convoca. Essa resposta emocional também está nessa conversação emocional. É convocado o autor e é convocado o entrevistado a também manifestar suas percepções (MARASCHIN, 2005).

Temos mais um componente que precisa ser levado em conta. O contato estreito entre repórter e entrevistado irá contribuir para essa troca de informação onde a emoção deixa suas marcas. É nesse exercício de perguntar e obter de volta a resposta, exatamente como em um jogo de pingue-pongue, que a informação é

[5] Cleci Maraschin é professora da Faculdade de Psicologia da Ufrgs e pesquisa na área da educação, enfocando linguagem, leitura e cognição. Concedeu entrevista para esta dissertação em 15 de agosto de 2005.

registrada por ambas as partes, em um processo de cognição em que as declarações emocionadas serão peças dessa construção.

4 ROTAS DA INVESTIGAÇÃO

Para que sejam apresentadas determinadas marcas nos textos estudados, optamos pela utilização livre de elementos da Análise de Conteúdo e da Análise Retórica como ferramentas capazes de descobrir, nas publicações selecionadas, a emoção presente em cada texto. Palavras, expressões, frases e trechos de entrevistas da seção Páginas Verdes, de Ecologia & Desenvolvimento, - que denotem emoção - serão pinçadas do corpus para servirem como peças capazes de contribuir para o entendimento da construção social da notícia no jornalismo especializado em meio ambiente. A título de ilustração, alguns exemplares do corpus, de onde foram retirados trechos, estão anexados a este trabalho.

Quando nos referimos a palavras e expressões, esclarecemos que precisaremos de contextos próximos, conforme explica Bardin (1977). No caso da identificação da emoção nos textos, não há somente uma, mas várias palavras que precisam entrar na coleta e que deverão ser situadas em frases para que façam sentido na leitura.

O autor cita como exemplo prático a política e seus codificadores, que entram em um mesmo corpus: liberdade, ordem, progresso, democracia, sociedade. De forma semelhante ao exemplo citado, as marcas da emoção nas entrevistas sobre meio ambiente poderão ser traduzidas pelas seguintes palavras (substantivos e verbos), aqui relacionadas em ordem alfabética: adoção (no sentido de acolhimento), abraço, amizade, afabilidade, amor, apagar (no sentido de morrer, extinguir), briga, carinho, coração, drama, envolvimento, felicidade, realização,

sofrimento, solidariedade, veneração, vida/morte. As referidas palavras serão pinçadas também em suas variações. Exemplo: o termo realização como verbo, visto nos textos como “realizar”, “realizado”, etc.

A análise, embora apresente uma determinada freqüência de palavras, não será especificamente quantitativa. Trará para o trabalho outras formas de entender os conteúdos presentes nas publicações, usando métodos qualitativos. Sobre o assunto, o autor acrescenta:

> A análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais. Pode funcionar sobre corpus reduzidos e estabelecer categorias mais descriminantes, visto não estar ligada, enquanto análise quantitativa, a categorias que dêem lugar a freqüências suficientemente elevadas, para que os cálculos se tornem possíveis. [...] Pode-se dizer que o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência - sempre que realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc) e não sobre a freqüência de sua aparição (BARDIN, 1977, p.115).

Relacionamos as palavras, frases e expressões encontradas dividindo-as em categorias e subcategorias. As categorias definidas são três: introdução à entrevista, perguntas feitas pelo repórter e declarações dadas nas respostas dos entrevistados. Em cada uma dessas categorias, serão agrupados tipos de emoções, cada um deles representando uma subcategoria. Os tipos de emoções encontrados foram amor, amizade, solidariedade, entusiasmo, sensibilidade, felicidade, alegria, tristeza, ódio, amargura, medo e preocupação. As palavras relacionadas em cada subcategoria denotam essas emoções.

Quanto à Análise Retórica, que citávamos no início deste capítulo, buscaremos

utilizá-la como um complemento à Análise de Conteúdo. Antes de mais nada é preciso esclarecer de que forma abordaremos o termo retórica. Leach (2004) define retórica em três momentos: Retórica I, Retórica II e Retórica III, que são, respectivamente, o ato de persuadir, a análise dos atos de persuasão e uma cosmovisão sobre o poder persuasivo do discurso. Os atos de persuasão, portanto dentro de Retórica I, serão o alvo de nosso maior interesse. Esclarece o autor:

> O contexto do discurso deve ser o primeiro ponto a ser levado em consideração ao se embarcar em uma análise retórica, seja ao escolher um discurso oral, uma imagem ou um documento escrito, um discurso abertamente persuasivo tais como discursos políticos ou publicitários, ou ao lidarmos com textos que contenham uma persuasão mais oculta, como um artigo científico ou um artigo de jornal. (LEACH, 2004,p.296).

No presente caso, o contexto estará demonstrado na seção Páginas Verdes de Ecologia & Desenvolvimento, sendo relacionadas palavras e expressões que denotem emoção. Leach (2004) também define partes da retórica, que são divididas nos cânones Invenção, Disposição, Estilo, Memória e Apresentação. Para a presente dissertação interessará a Invenção, onde estão relacionadas formas de argumentação: ethos, pathos e logos. Buscaremos trabalhar com o pathos, que tem como argumentação persuasiva o apelo à emoção. Além da Invenção, trabalharemos também com o cânone Estilo, onde estão categorizadas Metáfora e Analogia. Palavras como coração, por exemplo, muito presentes nas expressões encontradas em “Páginas Verdes”, serão estudadas e analisadas.

Unindo os elementos Invenção (pathos) e Estilo (metáfora), preparamos uma lista de expressões para serem analisadas em capítulo adiante. Relacionamos frases

recolhidas das entrevistas de Páginas Verdes, destacando em negrito as palavras que encontramos como marcas de emoção nos textos. Ao todo, 97 expressões ou palavras foram listadas em 79 trechos recolhidos das entrevistas de Páginas Verdes, selecionadas em 29 edições da revista Ecologia & Desenvolvimento, entre janeiro de 2000 e junho de 2003.

4.1 As marcas, listadas por categorias

As expressões coletadas das entrevistas de Páginas Verdes, relacionadas a seguir, são categorizadas em “a”, com trechos retirados da introdução ao pingue-pongue; “b”, com trechos das respostas do entrevistado, e “c”, com trechos das perguntas do repórter.

Em “a”, temos as subcategorias amor/amizade/solidariedade, entusiasmo/sensibilidade, felicidade, tristeza/amargura e medo/preocupação. Em “b” temos, igualmente, as subcategorias amor/amizade/solidariedade, entusiasmo/sensibilidade, felicidade, tristeza/amargura e medo/preocupação. Na categoria “c” relacionamos menos subcategorias, sendo apenas duas: entusiasmo/sensibilidade e medo/preocupação.

Importante explicar ainda que, com base em estudo de Figueiredo e Engelmann (1978), que listaram as emoções em grupos através da aplicação de um modelo bifatorial, buscamos fazer agrupamento semelhante. Damásio (1996) afirma que as emoções mais universais são a felicidade, a tristeza, a cólera, o medo e o nojo. Os outros dois autores listaram ainda amor, orgulho, gratidão simpatia, susto, surpresa, humilhação e dúvida. Para estudar essa lista de emoções, organizaram-

nas em conglomerados. Um desses conglomerados, por exemplo, agrupava medo, susto, surpresa, desamparo e desespero. Outro, calma e alívio. Um terceiro juntava desprezo, nojo e indiferença. Tomando esse estudo como base, optamos por organizar as expressões recolhidas de Páginas Verdes em subcategorias onde as emoções aparecem agrupadas.

Na lista relacionada a seguir, em cada subcategoria ordenamos as expressões pela ordem de edição, do exemplar mais antigo ao mais recente. Para listar as frases retiradas das revistas, seguiremos procedimento semelhante ao usado para citações retiradas de livros, utilizando corpo de letra tamanho 10. Acompanham, em igual corpo, as categorias e subcategorias que separam cada grupo de frases. Os dados completos contendo o número da edição, as páginas e etc. etarão disponíveis nas referências.

a) Categoria de trechos de introdução à entrevista

Subcategoria AMOR/AMIZADE/SOLIDARIEDADE

– Aí começava, também, a história de **amigos** de índios que, até hoje, se dedicam aos seus problemas (FREIRE, 2000, p.31, grifo nosso).

– José Ribamar Bessa Freire é um deles. Jornalista, com doutorado em etnohistória pela Escola de Estudos Superiores em Ciências Sociais (EHESS) de Paris e **apaixonado** pela causa indígena, iniciou sua carreira mediando o diálogo entre o Estado e os índios (FREIRE, 2000. p. 31, grifo nosso).

– A sensibilidade e o **amor** pela natureza se manifestavam através da vocação musical (GIL, 2000, p.39, grifo nosso).

– Profundo **amor** à família e aos estudos. Talvez seja essa a receita para a vitalidade da botânica e museóloga Paula Laclette (LACLETTE, 2000, p.35, grifo nosso).

– Suzana continua cheia de entusiasmo e acha que a educação ambiental, além de passar pela cabeça, deve também atingir o **coração** (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso).

– A entidade atua em 3.277 municípios em 27 estados brasileiros, com 31.929 comunidades cadastradas, onde são desenvolvidas atividades para acompanhar crianças de baixa renda, desde o **ventre materno** até os seis anos de vida, e prevenir a violência familiar (NEUMANN, 2001, p.35, grifo nosso).

– Ela impulsionou métodos de medicina alternativa e muita **solidariedade** para solucionar graves problemas sociais (NEUMANN, 2001, p.35, grifo nosso).

– Laury Cullen Jr falou sobre o seu trabalho no Ipê e o conceito de **envolvimento** sustentável (CULLEN JR, 2002, p.5, grifo nosso).

Subcategoria ENTUSIASMO/SENSIBILIDADE

– A **sensibilidade** e o **amor** pela natureza se manifestavam através da vocação musical... (GIL, 2000, p.39, grifo nosso)

– BNDES constata que médios e pequenos empresários ainda não se **sensibilizaram** com o **desafio** da preservação ambiental (FRONDIZI, 2000, p.29, grifo nosso).

– Falante, **entusiasmado**, Mário Mantovani, diretor de relações institucionais da ONG SOS Mata Atlântica, uma das mais atuantes do país, não pára um minuto quieto. Suas palestras são verdadeiros shows, em que ele diverte e ao mesmo tempo informa (MANTOVANI, 2000, p.27, grifo nosso).

– O que Mantovani nos passa é uma mensagem de **esperança**. **Esperança** de que, unidos, possamos deixar para os nossos descendentes um Brasil mais verde do que aquele que recebemos (MANTOVANI, 2000, p.27, grifo nosso).

– Apesar do sucesso da campanha **Criança no Lixo Nunca Mais**, a erradicação do problema [...] requer uma luta **árdua**, segundo Heliana Kátia Tavares Campos, oficial de projetos de meio ambiente (CAMPOS, 2001, p.29, grifo nosso).

– Suzana continua cheia de **entusiasmo** e acha que a educação ambiental, além de passar pela cabeça, deve também atingir o **coração** (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso).

– A partir da mobilização dos pescadores do Saco de Mamanguá, ao Sul de Parati Mirim, algumas **vitórias** começam a acontecer (NOGARA, 2001, p.29, grifo nosso).

– Getúlio ficou **impressionado** com o argumento do professor, concordou com a tese e o parque foi criado (RIBEIRO, 2001, p.27, grifo nosso).

– Ministro mostra **disposição** de **brigar** pelo cumprimento de compromissos (CARVALHO, 2002, p.5, grifo nosso).

Subcategoria FELICIDADE

– Feliz com a aquisição de seu pentium, dona Laclette não vê a hora de começar a aprender a usar o computador para facilitar suas pesquisas e se corresponder com inúmeros **amigos** (LACLETTE, 2000, p.35, grifo nosso).

– Felizmente, os exemplos positivos proliferam Brasil afora (CAMPOS, 2001, p.29, grifo nosso).

Subcategoria TRISTEZA/AMARGURA

– Apesar de ter seu trabalho reconhecido no país e no exterior [...], vive **amargurado** pela ausência de uma correta política indigenista (VILLAS-BOAS, 2000, p.27, grifo nosso).

– Geógrafo revela seu otimismo mesmo diante do **triste** cenário atual (MANTOVANI, 2000, p. 27, grifo nosso).

Subcategoria MEDO/PREOCUPAÇÃO

– Azelene não se surpreendeu com a **violência** policial que se abateu sobre os dois mil índios que protestavam contra a política do presidente Fernando Henrique Cardoso (KAINGANG, 2000, p.29, grifo nosso).

– A entidade atua em 3.277 municípios em 27 estados brasileiros, com 31.929 comunidades cadastradas, onde são desenvolvidas atividades para acompanhar crianças de baixa renda, desde o ventre materno até os seis anos de vida, e prevenir a **violência** familiar (NEUMANN, 2001, p.35, grifo nosso).

– Os **gemidos** da natureza ante o consumismo desenfreado dos recursos e o agravamento da poluição em escala planetária alertam sobre a finitude da vida, se a humanidade não estabelecer novos parâmetros de convivência (BOFF, 2001, p.27, grifo nosso).

b) Categoria de trechos de respostas dos entrevistados

Subcategoria AMOR/AMIZADE/SOLIDARIEDADE

– Os nossos mortos ficam dentro da gente, perto do **coração** (FREIRE, 2000, p.34, grifo nosso).

– Mães **zelosas**, pais **corujas**, vejam como as águas de repente ficam sujas (GIL, 2000, p.39, grifo nosso).

– Fiz muitos **amigos**, de modo que tive muito **prazer** em estudar lá (LACLETTE, 2000, P.35, grifo nosso).

– Cada escola, ao longo desse percurso, poderia **adotar** um ponto do rio (ARGENTO, 2001, p.32, grifo nosso).

– Zelitro é muito inteligente e fala da natureza com o **coração**. A gente sente que o pedaço de terra que cada um está ganhando é o símbolo da esperança de uma vida melhor. Ele disse que, no seu lote de terra, vê o universo todo, com a ligação dos elementos da natureza, culminando com a mulher e os filhos, os seres que ele mais **ama** (PÁDUA, 2001, p.32, grifo nosso).

– A educação ambiental, além de passar pela cabeça, deve também atingir o **coração** (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso).

– Algumas mães trocavam o **leite do peito** pela mamadeira, às vezes cheio de moscas na ponta. Elas não sabiam de nada. Quando eu explicava, elas ficavam me olhando, às vezes

me **abraçavam** (NEUMANN, 2001, p.37, grifo nosso).

– Uma criança saudável tem tudo que um cidadão deve ter dentro do **coração**. É justa, sabe dos seus direitos, obrigações e não tem preconceito. Uma criança saudável brinca com uma criança pobre, rica, preta, branca (NEUMANN, 2001, p.37, grifo nosso).

– Tenho que ter algum **carinho** por esse neto que poderá herdar um mundo onde não vai ser possível respirar (RIBEIRO, 2001, p.28, grifo nosso).

– Nós somos a Terra que chegou ao ponto de sua evolução de poder sentir, pensar, **amar** e **venerar** conscientemente. Por isso entendo a globalização como uma nova era e assim a chamo (BOFF, 2001, p.28, grifo nosso).

– Sejamos uma potência **solidária** (BOFF, 2001, p.28, grifo nosso).

– Temos que inventar um novo paradigma da civilização dentro do qual o desenvolvimento se fará em consonância com a natureza e não contra ela; será **solidário** com todos os humanos e caracterizado pelo cuidado para com todos os seres vivos e inerentes da natureza (BOFF, 2001, p.28, grifo nosso).

– Sou **fã** da expressão **envolvimento** sustentado (CULLEN JR., 2002, p.7, grifo nosso)

– O que se está tentando fazer é muito mais um **envolvimento** sustentado, uma relação de **confiança** e **amizade**. (CULLEN JR., 2002, p.7, grifo nosso)

– Os problemas ambientais, da pobreza, do terrorismo, só serão solucionados em um quadro de total **solidariedade** (CARVALHO, 2002, p.7, grifo nosso).

Subcategoria ENTUSIASMO/SENSIBILIDADE

– Morrer se preciso for, **matar** nunca (VILLAS-BOAS, 2000, p.28, grifo nosso).

– Uma vez que você consegue **sensibilizar** o indivíduo, ele fica com mais poder de tomar decisões e ir à luta (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso).

– A honra da indicação se deve às líderes comunitárias, que mesmo com o tão pouco que têm demonstram **garra** (NEUMANN, 2001, p.35, grifo nosso).

– É através de nossos olhos que se vêem as estrelas. Somos a consciência do mundo. Se **apagarmos**, o mundo **apagou** (RIBEIRO, 2001, p.29, grifo nosso).

– A população tem muita simpatia e **disposição** para a reciclagem (CRESPO, 2002, p.7, grifo nosso).

Subcategoria FELICIDADE

– É preciso consumir tanto para que o ser humano se **realize** na vida? (DOWBOR, 2000, p.29, grifo nosso).

– Muitos se perguntam se é possível reconstruir a simplicidade, aquilo que a gente chama de **felicidade** nacional bruta (DOWBOR, 2000, p.32, grifo nosso).

– A **felicidade** de uma criança é brincar com outras crianças (NEUMANN, 2001, p.37, grifo nosso).

Subcategoria TRISTEZA/AMARGURA

– Homenagear hoje esses **assassinos** de índios é um desrespeito e uma **provocação** (FREIRE, 2000, p.33, grifo nosso).

– Triste é constatar que essas sementes vão chegar ao México para o consumo, podendo facilmente contaminar nossas plantações (GUEVARA, 2001, p.21, grifo nosso).

Subcategoria MEDO/PREOCUPAÇÃO

– É uma economia de recursos e de **sofrimento** humano. Trata-se também de uma forma inteligente de regulação da demanda ao serviço de saúde, somada à prevenção da violência e da marginalidade que trazem um ônus grande ao país (NEUMANN, 2001, p.36, grifo nosso).

– Em São Paulo, a questão da qualidade do ar é **dramática** (GOLDENSTEIN, 2002, p.6, grifo nosso).

c) Categoria de perguntas feitas pelo repórter

Subcategoria ENTUSIASMO/SENSIBILIDADE

– Por que a **luta** pela preservação das águas? A Fundação Ondazul é voltada para essa causa ambientalista. Há uma **afinidade em especial** que fez você se voltar para esse tipo de trabalho? (GIL, 2000, p.40, grifo nosso).

– Como foi fazer mestrado aos 71 anos? A senhora recebia **incentivo** dos professores e dos alunos? (LACLETTE, 2000, p.37, grifo nosso).

– A SOS Mata Atlântica tem na sua logomarca um desenho da bandeira brasileira sem uma parte da cor verde e a frase: "**estão tirando o verde de nossas matas**". Por que adotaram este slogan? (MANTOVANI, 2000, p. 27, grifo nosso).

– Você é **otimista** ou **pessimista**? (MANTOVANI, 2000, p.27, grifo nosso).

– A senhora se dedica aos temas ambientais desde o final da década de 60. Como aconteceu esse **engajamento**? (CAMARGO, 2000, p.27, grifo nosso).

– Por que a **dedicação** às crianças? (NEUMANN, 2000, p.36, grifo nosso).

– Diante desse cenário devemos ficar mais **otimistas** ou céticos? (FELDMANN, 2002, p.11, grifo nosso)

Subcategoria MEDO/PREOCUPAÇÃO

– Estamos nos **desumanizando**? (FREIRE, 2000, p.31, grifo nosso).

– Estamos perdendo a capacidade de nos **indigna**r? (FREIRE, 2000, p.32, grifo nosso)

– O atraso na demarcação de terras indígenas continua a criar **tensões** entre índios e governo. Na sua avaliação, o que impede a regularidade nas demarcações? (VILLAS-BOAS, 2000, p.29, grifo nosso).

– Tem sido noticiada uma série de **suicídios** de índios no Mato Grosso do Sul, aparentemente por uma desorganização cultural e pela **pressão** da economia agrícola regional circundante. O que fazer para manter culturalmente sadios, ativos e criativos os grupos indígenas mais envolvidos pela proximidade com o restante da comunidade nacional? (VILLAS-BOAS, 2000, p.30, grifo nosso).

– A Fundação Ondazul questionou **duramente** o novo derramamento de óleo na baía de Guanabara... (GIL, 2000, p.40, grifo nosso).

– O que representou Porto Seguro para o movimento indígena? Você acredita que as relações com a sociedade nacional e as suas instituições possam mudar depois desta grande assembléia? E o que você diz da tese, muito propagada, de que os índios podem criar exércitos de libertação ou **ameaçar** a soberania do Estado brasileiro com seus territórios nas faixas de fronteira? (KAINGANG, 2000, p.32, grifo nosso).

– Mas com tantos dejetos domésticos e industriais jogados ao longo de seu percurso, seu futuro não está **ameaçado**? (DAMASCENO, 2000, p.38, grifo nosso)

– Estaríamos agora diante de nova **ameaça** à diversidade, como nos tempos da revolução verde, nos anos 70? (GUEVARA, 2001, p.21, grifo nosso).

– Quais as principais **ameaças** à comunidade do Mamanguá? (NOGARA, 2001, p.31, grifo nosso).

– O ecoturismo é **vilão** ou **mocinho**? (NOGARA, 2001, p.31, grifo nosso).

– Então, a **ameaça** de destruição do mundo pela bomba atômica passou. Como o senhor vê a **ameaça** atual? (NOGARA, 2001, p.28, grifo nosso).

– A **bomba destruidora** na verdade era a própria civilização... (RIBEIRO, 2001, p.28, grifo nosso).

– Como representante brasileiro na Carta da Terra, quais são as novas idéias que precisam ser implantadas hoje para conter a situação **drástica** e irreversível que se apresenta? (BOFF, 2001, p.28, grifo nosso).

– O senhor acha que a proposta do novo Código Florestal pode representar um **perigo** para o solo da Amazônia? (RAMALHO, 2001, p.6, grifo nosso).

– Em alguns lugares, os sem-terra têm a imagem de **vilões** ambientais, como nos arredores da Reserva Poço das Antas, no Rio de Janeiro, que abriga os **ameaçados** micos-leões-dourados. Vocês ajudam a construir uma imagem de credibilidade para o movimento, na medida em que ajudam seus componentes a **abraçar** uma causa ecológica? (CULLEN JR, 2002, p.6, grifo nosso).

– O governo brasileiro está sendo **pressionado** a adotar os transgênicos? (CARVALHO,

2002, p.7, grifo nosso)

– E, se não bastassem os incêndios, a cada dia vemos **agressões** às florestas com desmatamentos descontrolados e sem qualquer tipo de repressão oficial... (RIOS, 2002, p.7, grifo nosso).

4.2 Ocorrência de principais palavras

Em uma segunda lista de palavras relacionamos em um quadro as principais expressões que aparecem nos exemplares colecionados, informando quantas vezes são vistas nos textos. Importante salientar que este trabalho não se baseia rigidamente em regras quantitativas de Análise de Conteúdo, embora exista uma referência a quantidades.

Quadro 1 - Ocorrência de principais palavras em ordem alfabética

PALAVRA	NA PERGUNTA	NA INTRODUÇÃO	NA RESPOSTA	TOTAL
ameaça	7			7
amor		3	2	5
amizade		1	3	4
coração		2	4	6
entusiasmo		2		2
envolvimento		1	3	4
felicidade		2	2	4
pressão	2			2
sensibilidade		2	1	3
solidariedade			3	3
violência		2	1	3

Fonte: dados de pesquisa.

Portanto, de uma forma mais livre, escolhemos as principais palavras que surgem com maior freqüência, apenas para ilustrar a importância que adquirem no texto, detalhando em quantas oportunidades elas surgem em cada categoria (introdução da entrevista, resposta, pergunta). O quadro auxiliará mais adiante, na parte de análise desta dissertação.

4.3 A aplicação

Kientz (1973) explica que uma das aplicações mais férteis da Análise de Conteúdo é a que a utiliza como instrumento de diagnóstico cultural. Citando Morin, relaciona coisas como amor, violência, erotismo, juventude, conforto, feminilidade, bem estar, segurança. O autor também lembra que um tema básico, a felicidade, engloba todos.

Fazendo a Análise de Conteúdo qualitativa sem deixar de listar, quantitativamente, a presença de um tema a partir de determinadas expressões encontradas no texto, pretendemos desenvolver algo semelhante ao relatado por Kientz, procurando nas palavras retiradas do corpus as pistas que levem ao caminho da construção da notícia por meio das emoções, tão válidas quanto as atitudes racionais, segundo a Biologia do Conhecimento. Ousando dizer que pretendemos seguir caminhos semelhantes aos trilhados por Dalla Zen (2002) em sua tese de doutorado, utilizaremos a metodologia de forma mais livre e com a manutenção de "uma certa distância dos procedimentos e pressupostos da pesquisa tradicional"

(DALLA ZEN, 2002, p.121).

A autora justifica a iniciativa de fugir do formalismo tradicional, referindo-se ao fato de que optar apenas por uma metodologia de pesquisa quantitativa impediria uma aproximação mais direta com os fenômenos estudados. E ainda especifica: “em especial com as questões educativas e culturais, já que estas possuem atributos e significados peculiares” (Op. cit., p.123). Ela lembra também que o comportamento humano é influenciado pelo contexto em que a pessoa está inserida. Referia-se a entrevistas que fez não somente com professores, técnicos e alunos, mas também com a população de São José dos Ausentes, cidade que serviu de estudo para sua tese sobre ação cultural como estratégia para incentivar o sentimento de religação do homem à natureza.

De modo semelhante, esta dissertação analisou, de forma mais livre, os desabafos emocionados de técnicos que deixam de lado a explicação puramente científica para fazer de sua mensagem uma bandeira de preservação. Economistas, antropólogos, sociólogos, geógrafos, médicos, biólogos, técnicos de setores do governo, agricultores, químicos e engenheiros, entre outras autoridades no setor, levam ao leitor, por meio de uma entrevista em um veículo impresso e especializado, mensagens que marcam, unidas ao conhecimento, a necessidade do amor ao próximo e da solidariedade para que a vida no planeta continue existindo.

Amor, solidariedade, emoção, enfim, já são bandeiras levantadas por Morin, Maturana e Varela e agora serão material para a obra de construção da notícia.

Procuraremos as pistas que poderão mostrar que o conteúdo retirado das entrevistas de “Ecologia & Desenvolvimento” é a construção da informação a partir de um paradigma pós-estruturalista. Um modelo que, entre outras características, rompe com conceitos que não enxergam o todo e que busca a união das ciências, o que já é utilizado na ecologia. E é a junção dessas ciências que mostra, em profissionais vindos de diferentes disciplinas, a mesma disposição: encontrar, através da solidariedade e da transdisciplinaridade uma forma de ecoar e de avisar ao leitor, pelo veículo de comunicação, sobre a ameaça de destruição do planeta.

Voltando a Leach (2002), a autora lembra que o emprego mais comum, ou no senso comum, da palavra “retórica” desfigura a celebrada história de uma disciplina acadêmica como desfigura também uma forma de análise crítica. Na fala cotidiana, explica Leach, contrasta-se ou compara-se retórica com ação, o que acaba sugerindo que algo retórico seja equivalente a uma coleção de mentiras ou de meias verdades. Em uma citação inicial do capítulo que escreve, Leach (2002, p.293) traz esta frase: “Se pelo menos os políticos do primeiro-ministro fossem tão bons como a política retórica que nós ouvimos, estaríamos todos em melhores condições de vida”. O tipo de publicidade em declarações como essas torna-se frustrante para estudiosos contemporâneos que investigam textos e discursos orais. A retórica, interpretada dessa forma, soaria para a maioria das pessoas como algo inútil, mentiroso, repetitivo ou sem importância. A retórica, na verdade, usada como uma disciplina capaz de estudar um determinado texto ou discurso, funciona como forma de análise da persuasão presente em um dado contexto.

A autora reforça que o objeto tradicional da Análise Retórica é a persuasão. Leach (2002) destaca também que o contexto da mensagem deve ser o primeiro ponto levado em consideração ao se optar por esse tipo de trabalho, seja um discurso oral, uma imagem ou um documento escrito. Ou ainda mensagens políticas ou publicitárias que contenham uma persuasão mais oculta, como um artigo científico ou de jornal.

Comentando especificamente a questão da persuasão, a autora acrescenta que uma das formas de persuadir é apresentar argumentos com os quais o público (neste caso o leitor) já possa estar de acordo para que se crie uma sintonia entre autor e audiência. Em todos os tipos de discurso vistos na Análise Retórica, é a persuasão o principal objetivo. Quando aborda partes da retórica e a divide em cânones e categorias, é no cânone Invenção que a autora explica os tipos de persuasão, destacando: “As questões centrais são aquelas que têm a ver com a questão da origem dos argumentos ou, de maneira mais clássica, como os oradores inventam argumentos em relação a determinados objetivos” (LEACH, 2002, p.302). A autora explica assim as formas de argumentação:

> *Ethos*: uma forma de argumentação persuasiva se fundamenta no estabelecimento da credibilidade do autor ou locutor. Embora quem seja o autor não torne um argumento mais ou menos válido, formas sutis de persuasão jogam com relações de poder, presentes nos textos. Tomemos, como um breve exemplo, a autoria e a referência científicas. O final do século vinte constatou uma crescente proeminência dada aos “primeiros” autores de artigos científicos; aqueles que são citados por primeiro e cujos nomes, por conseguinte, aparecem em primeiro lugar nos índices de referências. Embora a revisão formal por pares possa ignorar o nome do primeiro autor, os leitores das comunidades científicas não procedem assim. Portanto, certos autores possuem um ethos para apresentar afirmações mais fortes que outros.
>
> ***Pathos**:* uma outra forma de argumentação persuasiva é o apelo à emoção. A publicidade está cheia de exemplos desse tipo de argumentação. Formas que são menos percebidas, contudo, incluem o apelo para aplicação em pesquisa médica. O apelo chamativo para “mais pesquisa é necessária” é extremamente persuasivo quando são mencionadas aplicações para curas, ou remédios para doenças

> dolorosas, ou aplicações na saúde para crianças.
>
> *Logos:* a palavra grega logos fornece a radical básica para nossa palavra "lógica". Parte do campo da retórica que consiste no exame de como os argumentos lógicos funcionam para nos convencer de sua validade. Esta questão está estreitamente relacionada com a discussão [...] sobre disposição. Embora as pessoas considerem hoje certas formas de lógica persuasivas, textos históricos indicam que públicos mais antigos não teriam considerado tais formas de lógica persuasivas. Isto está também relacionado com a discussão da retórica III, ou a cosmovisão retórica sob a qual o discurso opera. Pensar o *logos* dessa maneira traz também à mente o poder do discurso em conformar, ou construir, determinadas cosmovisões. Embora Aristóteles pensasse estar no centro do universo e argumentasse de maneira coerente com essa visão, esse princípio estruturante da lógica aristotélica se perdeu para nós no Ocidente, enquanto outros tomaram seu lugar (LEACH, 2002, p. 302, grifo nosso).

Os três elementos descritos - ethos, pathos e logos - são ingredientes essenciais para explorar o contexto como um primeiro passo para uma Análise Retórica. Cada um deles fornece maneiras de argumentação que estão presentes em diferentes tipos de discurso persuasivo. São formas introdutórias a partir das quais os argumentos persuasivos podem ser criados ou desenvolvidos. Para o presente trabalho, escolhemos o pathos, mais diretamente ligado à argumentação através da emoção. Mas como adverte a própria Leach (2002), há muitos métodos para que se analise ainda mais o discurso dentro dos cinco cânones clássicos. Esclarecendo: os cinco cânones descritos pelo autor são a Invenção (onde estão ethos, pathos e logos), a Disposição, o Estilo (onde se encontram as categorias Metáfora/Analogia e Metonímia/Sinédoque), a Memória e a Apresentação. Além do detalhamento dos trechos selecionados nas entrevistas de Páginas Verdes, usando-se como uma das ferramentas o pathos (cânone da Invenção), estudaremos as marcas da emoção em Páginas Verdes usando também o cânone do Estilo, onde estão inseridos Metonímia e Sinédoque e também Metáfora e Analogia. Os outros três cânones, Disposição, Apresentação e Memória, não estarão dentro de nossa análise. Sobre elementos contidos no cânone Estilo, o autor detalha:

> *Metonímia e Sinédoque*: São figuras de linguagem onde a parte está para o todo. Há muitos exemplos disso na linguagem cotidiana. Quando dizemos às pessoas em reuniões formais para dirigir os comentários para a cadeira, nós claramente não queremos dizer que eles devam falar para o móvel em que o líder da discussão está sentado, mas à pessoa que está sentada na cadeira. Este emprego da linguagem funciona a níveis muito complexos. Ele nos permite transferir atributos e características de uma coisa a outra. Nesse sentido possui uma relação estreita com a metáfora. Ele funciona também juntamente com apelos ao pathos. Por exemplo, um artigo recente de jornal se referiu ao grande caos que aconteceria na Inglaterra "se a coroa fosse perdida". A preocupação parece não se referir à perda das jóias e ouro da monarquia, mas à própria monarquia. Esse apelo à "coroa" se relaciona com um campo mais vasto da imaginação cultural e a componentes tradicionais que o artigo invoca para excitar a emoção do público (LEACH, 2002, p. 306).

Como a própria autora associa, Metáfora e Analogia também se relacionam de forma estreita com a Metonímia e Sinédoque. Vejamos a definição:

> *Metáfora e Analogia*: analisar metáforas foi uma segunda natureza para analistas retóricos, desde Platão. A noção de que as metáforas podem "transferir" (meta pherein) sentido de um conceito a outro, como um auxílio para nossa compreensão e descrição, bem como ser um instrumento persuasivo, provém dos antigos gregos. Neste sentido, a metáfora tem a função de criar uma analogia entre dois conceitos. Quando Burns diz: "meu amor é como uma rosa vermelha brotada recentemente em junho", ele transfere o sentido associado com a rosa à noção de amor, indicando paixão, um sentido de algo novo e de veracidade. Este uso da metáfora é comum na poesia e literatura criativa, mas está também presente em muitos discursos persuasivos e na ciência (LEACH, 2002, p.305).

A seção Páginas Verdes, de Ecologia & Desenvolvimento, mostra, em seus textos, palavras e expressões carregadas de emoção. Como explicávamos anteriormente, Leach (2004) define partes da retórica em Invenção, Disposição, Estilo, Memória e Apresentação. Para esta dissertação, trabalhamos a análise, apresentada no próximo capítulo, usando primeiramente a Invenção, onde estão relacionadas as formas de argumentação ethos, pathos e logos. Interessa-nos o pathos, que tem como argumentação persuasiva o apelo à emoção. Em cada frase anotada das entrevistas selecionadas, percebemos características que precisam ser aqui entrelaçadas.

Além da Invenção, trabalharemos também com Estilo, cânone onde estão Metáfora e Analogia. Palavras como “coração”, por exemplo, muito presentes nas expressões encontradas em Páginas Verdes, poderão ser estudadas na Análise Retórica do ponto de vista da persuasão e também da metáfora.

5 INFORMAR E EDUCAR É UM ATO DE AMOR AO PRÓXIMO

Feitas algumas considerações sobre meio ambiente, preocupações mundiais com o planeta, notícia, informação e jornalismo, procuraremos desenvolver neste capítulo em especial uma análise mais específica de um conteúdo em particular encontrado na seção Páginas Verdes, da revista Ecologia & Desenvolvimento. Em uma espécie de homenagem às muitas expressões emocionadas encontradas nos textos, destinamos este capítulo a estudar uma edição em particular entre as 29 colecionadas. Por conter uma entrevista que traduz de maneira diferenciada das demais a presença da emoção, escolhemos o texto intitulado “Tudo começa com a educação dentro de casa” (GIL, 2000, p.39).

A entrevista enfoca, entre outros assuntos, a necessidade da preservação da água. Enquanto em outras edições palavras ditas durante o pingue-pongue marcam a presença da emoção (amor, carinho, coração, etc), nesta edição de Ecologia & Desenvolvimento são as palavras, ou versos, vindos da letra de uma música que pontuam o conjunto de perguntas e respostas, tendo em Tempo Rei, de autoria de Gilberto Gil, a forma mais direta de expressar a emoção e a necessidade de preservar o planeta.

Apontando sempre para a defesa da vida e conseqüentemente para a própria existência humana na terra, os meios de comunicação que abordam problemas relacionados à ecologia apelam à consciência, lembrando a necessidade de um mundo sustentável para as gerações que virão, o que é cantado em Tempo Rei. A

entrevista feita com o autor da música, Gilberto Gil, procura lembrar ao leitor seu dever de cidadão, destacando a necessidade de preservar aquilo que ama: a família, os filhos, que representam a continuação e as gerações futuras.

No capítulo 4, lembrávamos expressões e palavras que deixam marcas no texto, mostrando a emoção presente nas declarações feitas pelos entrevistados nas seções de Páginas Verdes. Neste capítulo em especial, buscaremos chamar a atenção para uma dessas formas de expressão da emoção: a sensibilidade, traduzida em versos cantados na música de Gilberto Gil e lembrados durante a entrevista de uma das edições de "Ecologia & Desenvolvimento".

Fizemos um recorte específico, escolhendo este pingue-pongue feito com Gilberto Gil (GIL, 2000), mostrando versos de uma música como argumento para despertar a emoção do leitor e chamar sua atenção para a necessidade de exercer seus direitos e deveres de cidadão quando a questão é cuidar do meio ambiente.

O jornalista está sempre buscando a informação, enquanto o ambientalista usa essa informação para construir uma realidade. A declaração feita pelo jornalista Vilmar Berna[6] (O DESAFIO..., 1998) pode servir como pista para que se comece uma análise e para que se busque entender porque a emoção pode ser mais um instrumento eficaz de conscientização do cidadão por meio da informação: Berna lembra que usar a informação pode ser interpretado como "vesti-la" com acessórios que possam prender a atenção e o coração do leitor, chamando-o à responsabilidade

[6] Vilmar Berna é jornalista e falou à revista Imprensa sobre o papel de emocionar o leitor.

na hora de ocupar seu espaço no mundo e de cuidar do lugar onde vive, mudando a postura de vida de sua comunidade. Chamando-o “à razão”, como se diria no senso comum, mas ao mesmo tempo usando a emoção como argumento e apoio para as atitudes necessárias à preservação do planeta.

Morin (2003) aborda as questões da emoção e da preservação da Terra quando lembra que o desenvolvimento medido no mundo ignora o que não se pode calcular ou mensurar. Em outras palavras, a própria vida, a felicidade, o amor, o sofrimento ficam esquecidos e dão lugar ao que se pode contar: produção, produtividade ou renda. O resultado de um comportamento típico de países ocidentais, segundo ele, é a tendência a ignorar itens como solidariedade, magnanimidade ou doação. Para ele, o desenvolvimento durável ou sustentável acaba com essas características que deveriam estar presentes em todas as comunidades.

O desenvolvimento sustentável buscaria criar um modelo econômico capaz de gerar riqueza e bem-estar, impedindo, ao mesmo tempo, a destruição da natureza. O termo “sustentável” foi usado pela primeira vez em 1980 por um organismo privado de pesquisa, a Aliança Mundial para a Natureza (UICN). Já o durável é o desenvolvimento que procura satisfazer necessidades presentes sem comprometer necessidades das gerações futuras. Durável ou sustentável, esclarece Morin (2003), a idéia está ligada a uma base tecnoeconômica, medida por indicadores de crescimento e de renda, o que deixa de lado a solidariedade e o amor ao próximo.

Contrário à idéia de simplesmente medir em números ou gráficos o andamento da vida no mundo, o autor propõe mais do que isso e sugere a tarefa de solidarizar o

planeta através de uma política da humanidade (antropolítica). Como exemplo, cita a necessidade de nações ricas e de organizações não-governamentais se mobilizarem não somente para atacar a pobreza em momentos de epidemia e de fome generalizada em determinados países. Mais do que comida e remédios, necessários com certeza, a questão é atender às comunidades levando a elas também a solidariedade. Outra vez a emoção se desenha nas próprias palavras do autor.

> O desenvolvimento ignora aquilo que não é calculável nem mensurável, isto é, a vida, o sofrimento, a alegria, o amor. Sua única medida de satisfação está no crescimento. Concebido unicamente em termos quantitativos, ele ignora as qualidades da existência, as qualidades da solidariedade, as riquezas humanas não calculáveis e não monetarizáveis; ignora a doação, a honra, a consciência. Sua abordagem varre os tesouros culturais e os conhecimentos das civilizações arcaicas e tradicionais. (MORIN, 2003, p.357).

Solidariedade e amor ao próximo, é preciso relembrar, são pontos destacados também nas análises sobre Biologia do Conhecimento de Maturana (1998). O autor lembra que seguidamente somos levados a acreditar que o homem se diferencia dos demais seres principalmente por ser racional, esquecendo o lado emocional, parte igualmente considerada importante no desenvolvimento humano.

> Essas afirmações constituem antolhos como os que os cavalos usam para não se assustarem com o trânsito [...] todos os conceitos que aceitamos como se significassem algo simplesmente porque todo mundo os entende são antolhos. Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. [...] ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional. (MATURANA, 1998, p.15).

Morin (2003) e Maturana (1998) apresentam pontos que convergem. O primeiro fala em solidarizar o planeta enquanto o segundo, além de destacar a igualdade de

importância entre a razão e a emoção, prega a cooperação. Maturana afirma que a competição sadia não existe e usa esse argumento com um dos principais para sua busca de cooperação e solidariedade entre os homens.

> Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota de outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a práxis do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro (MATURANA, 1998, p.13).

Se até aqui mostramos as considerações desses dois autores quanto à busca de uma solidarização para o planeta e quanto à valorização da emoção, é preciso detectar também como os meios de comunicação contribuem para auxiliar nesse processo. Gentilli (2000), quando aborda conceitos de cidadania e seus vínculos com a comunicação, lembra que o cidadão tem direito à informação. Para exemplificar, cita setores como os da saúde, lembrando que um pai de família precisa estar antecipadamente informado sobre as datas de vacinação de seus filhos. A tarefa pode ser desempenhada pelos jornais.

> A informação jornalística é indispensável nos dias de hoje. O que alguns autores chamam de 'necessidades sociais da informação' é hoje suprido sobretudo pelo jornalismo [...] todas as informações indispensáveis para a vida em sociedade chegam, hoje, aos homens, de forma mediada e não direta. (GENTILLI, 2000, p.47)

Wisnik (1992) classifica o jornal como uma representação da realidade – criando um outro contexto – e o jornalismo como ficção. Observa que mesmo que o jornalista não invente, o recorte do que será publicado ganha um efeito de transformação. A partir dessa idéia exposta pelo autor, semelhante à de construção

da notícia, procuraremos aqui iniciar uma análise específica da presença da emoção nas entrevistas pingue-pongue da revista em estudo e de que forma ela contribui ou influencia para a comunicação com o leitor. Se o jornalismo não inventa, mas acaba dando um efeito de transformação (ou de construção) à notícia quando a recorta, a presença da emoção também estará compondo esse recorte.

Escolhemos para este capítulo uma emoção específica despertada pela música: a sensibilidade. Em sua entrevista, Gilberto Gil usa essa emoção para mostrar como seu trabalho artístico auxiliou, por exemplo, na conscientização quanto à preservação das águas. E é pertinente relembrar aqui as ferramentas usadas para o trabalho de atingir a consciência ecológica do leitor. A primeira delas é o próprio meio de comunicação. No presente caso, a revista “Ecologia & Desenvolvimento”. A segunda é a emoção, aqui especificamente expressada pela música citada na entrevista pingue-pongue.

Morigi (2004) alerta para o fato de que construir enunciados sobre os acontecimentos não é atribuição exclusiva da mídia. As instituições formais e informais também são espaços de produção de sentidos. Mas especialmente na mídia, e este é o ponto fundamental, a publicização permite a disseminação desses sentidos em larga escala. Ora, se essa mídia dissemina em larga escala, o contexto emocional trazido para a informação também se multiplicará junto com a notícia, fazendo sua parte para um trabalho de persuasão através do apelo ao pathos, incluído em uma das categorias dos cânones da Análise Retórica (LEACH, 2002). A persuasão aqui também tem um outro momento específico, ligado à Metáfora, na categoria Estilo da Análise Retórica. No caso da Metáfora, a palavra relacionada à

emoção traduzida em uma letra de música está ligada a zelo, a superproteção: “Mães **zelosas**, pais corujas, vejam como as águas de repente ficam sujas” (GIL, 2000, p.39, grifo nosso). O trecho da letra da música de Gil está na linha de apoio, logo abaixo do título da entrevista. A linha de apoio explica: “o cantor e compositor baiano, criador da Fundação Ondazul, de defesa das águas, resume seu pensamento num trecho da música Tempo Rei: “mães zelosas/pais **corujas**/vejam como as águas de repente ficam sujas’ ” (GIL, 2000, p.39, grifo nosso).

A palavra coruja adquire uma força especial por trazer algo que conhecemos do senso comum e que sempre nos remete à preocupação com os filhos. Mães corujas são aquelas que amam seus filhos a ponto de não enxergar seus defeitos, de acreditar que eles serão perfeitos, cheios de saúde e eternos, independentemente das condições que os rodearem. Os versos chamam a atenção desses pais zelosos para que abram seus olhos para o futuro, um futuro que será desenhado conforme a capacidade que tiverem de perceber em quais condições deixarão o planeta para seus descendentes.

Antes de partir para o pingue-pongue, o texto que introduz a entrevista informa que o menino do interior da Bahia descobriu que poderia defender a preservação das águas cantando e alertando o planeta quanto aos perigos de destruição da natureza. A mesma matéria afirma que Gil, quando foi vereador por Salvador (BA) em 1988, criou a Fundação Ondazul, voltada à preservação das águas. O componente emoção como instrumento de defesa do meio ambiente pode ser percebido nesse trecho:

O compositor também participou de diversas lutas e mobilizações, inclusive a que

> levou o governo da Bahia a modificar o traçado da chamada Linha Verde, para evitar maiores danos ambientais. Com o fim de seu mandato, não foi fácil levar o projeto adiante. Contudo, seu **grito** em defesa do meio ambiente continuou com suas músicas, interpretando canções respeitadas por ambientalistas e pelo público. (GIL, 2000, p.39, grifo nosso).

Enfocando novamente a Biologia do Conhecimento, Maturana (1998) lembra que as emoções não são o que correntemente chamamos de sentimento, mas disposições corporais que definem domínios de ação em que nos movemos. Emoções são expressadas de inúmeras maneiras: amor, amizade, solidariedade ou, como no presente caso, pela sensibilidade, utilizando-se a música como forma de despertá-la.

Razão e emoção, dependendo de como são utilizadas, externadas ou controladas, estarão juntas e em igual peso no resultado de uma ação. O entrevistado Gilberto Gil luta para preservar as águas. Em outras palavras, toma uma iniciativa que no senso comum seria denominada racional. É integrante de uma fundação que prega a necessidade de manter limpas as águas. A emoção caminha em igual passo nos resultados dessa ação quando a música serve de instrumento, apresentando uma letra que alerta para o perigo da poluição. E são as duas juntas, emoção unida à razão, que vão criar uma estratégia de convencimento da necessidade de educação e consciência ambiental, compondo um equilíbrio, o mesmo equilíbrio que pode ser externado por meio da construção de uma notícia que apresentará esses dois componentes. A música em questão é “Tempo Rei”. Eis a letra:

> Não me iludo, tudo permanecerá do jeito que tem sido
> Transcorrendo, transformando
> Tempo e espaço navegando todos os sentidos
> Pães de Açúcar, corcovados
> Fustigados pela chuva e pelo eterno vento
> Água mole, pedra dura

Tanto bate que não restará nem pensamento
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei
Pensamento, mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas, pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Após a exposição da letra de Tempo Rei, voltemos ao respeito ganho por Gilberto Gil junto aos ambientalistas e ao público com a sua música direcionada para a causa do meio ambiente, conforme dizia a matéria. O cantor faz de seu trabalho de emocionar, de tocar o público com a música, uma forma de ação tão importante quanto aquela desempenhada antes junto ao Poder Legislativo, durante o mandato de vereador. A imprensa, já em uma segunda ação, multiplica essa emoção quando a dissemina em cada um dos milhares de exemplares distribuídos.

O próprio entrevistado avalia sua música: “Tempo Rei **me toca** quando diz: ‘mães zelosas/pais corujas/vejam como as águas de repente ficam sujas’. É o básico para pensarmos na preservação das águas” (GIL, 2000, p.42, grifo nosso). A declaração é destacada em uma janela, nome dado a um fragmento de texto colocado no meio da página em letras de corpo maior que o utilizado na entrevista.

Assim como o próprio músico procura levar a questão do meio ambiente ao público através de suas composições, também parte de quem realiza a entrevista a

iniciativa de chamar a atenção para a tendência do artista de cantar em defesa da natureza. O destaque dado para a letra da canção pode ser interpretado como uma forma de construir uma realidade aproveitando a emoção trazida pela música.

Em uma das perguntas relacionadas no pingue-pongue, o repórter ressalta o trabalho do compositor e não do ex-vereador ambientalista: "[...]Durante a sua carreira, você fez músicas que falam da natureza[...]" (GIL, 2000, p.42). O profissional da imprensa, durante a entrevista que seria feita para ressaltar mais diretamente a entidade em defesa das águas e as características do Gilberto Gil ativista, se utiliza de um recurso a mais para informar o leitor, tocando em sua sensibilidade e emoção, lembrando que é preciso trabalhar por um Tempo Rei.

O verso diz: "[...]Mães zelosas, pais corujas, vejam como as águas de repente ficam sujas.[...]" (GIL, 2000, P.42). O músico alerta para a poluição das águas enfocando mães que zelam por seus filhos e pais que exercitam sua "corujice", seu extremo cuidado com os descendentes, principal sentido de suas vidas. Logo a seguir, avisa a esses mesmos pais zelosos que a continuação familiar pode estar comprometida: "Tudo agora mesmo pode estar por um segundo". A letra traz ainda um pedido: "Ensinai-me, ó, Pai, o que eu ainda não sei/Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei". A preocupação ou o pedido de socorro se revelam nos versos.

A revista é especializada em meio ambiente e, portanto, esse público tem uma característica especial. O leitor que acompanha as notícias do veículo é alguém que já tem conhecimento a respeito de meio ambiente ou, na mais singela das

hipóteses, se interessa pelo assunto. Sob o protesto e o grito de todo o ambientalista dos dias atuais está o grande problema que se tornou preservar o planeta. Quem tem amor a seus filhos ou simplesmente ao próximo estará preocupado em manter essa continuação da vida em um mundo tão atingido pela destruição. As declarações emocionadas de cada fonte e o papel de cada repórter em dar um recorte também emocionado ao material publicado é o detalhe que identifica esse público leitor, preocupado com o outro, com o descendente. Todos, ao completar a leitura, estarão de alguma forma ligados por essa emoção, como em uma rede de solidariedade.

É compartilhando medos e preocupações com o futuro de filhos e netos que nos encontramos em Páginas Verdes. Entrevistados, repórteres e leitores, somos integrantes de um mesmo grupo onde todos se sentem movidos pelo amor ao próximo. Repetindo conceitos já tratados neste trabalho, não devemos esquecer que razão e emoção andam juntas. Maturana e Varela acrescentam:

> A esse ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo, podemos chegar pelo raciocínio ou porque alguma circunstância nos leva a ver o outro como um igual, um ato que habitualmente chamamos de amor. Tudo isso nos permite perceber que a aceitação do outro junto a nós é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem a aceitação do outro junto a nós não há socialização e sem esta não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. (MATURANA E VARELA, 2001, p.269)

Os meios, além de contribuírem para uma democracia da informação, acabam absorvendo características que os identificam pelos assuntos que divulgam e noticiam. No caso dos dirigidos ao meio ambiente, porque perceberíamos a emoção tão presente nas matérias? Quem está sob ameaça, geralmente enfrenta emoções

fortes. E se essa ameaça de morte do planeta é expressa seguidamente em um veículo especializado em meio ambiente, essa emoção também estará presente na publicação.

6 A PERGUNTA DANDO INÍCIO À CONSTRUÇÃO

Quando trabalhávamos a metodologia desta pesquisa, dividindo em três grupos ou categorias (texto introdutório, pergunta e resposta) as expressões encontradas em Páginas Verdes, percebemos que o alicerce da construção das notícias publicadas pelas entrevistas pingue-pongue está nas mãos do repórter. Embora o entrevistado seja o foco de atenções do leitor durante a entrevista, é a partir dos questionamentos do repórter que tem início todo um trabalho de persuasão com quem está lendo o material publicado.

Analisando edição a edição, vemos um ponto em comum nas entrevistas. Demarcação de terras indígenas, estudos no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, educação ambiental, legislação ambiental, discussões sobre transgênicos ou sobre cidadania, todos esses assuntos levam a um objetivo em comum: preservar o planeta e o homem. Nas edições pesquisadas, procurando-se marcas especificamente nas perguntas dos repórteres, um dado chama atenção: a emoção relacionada com o medo e com a preocupação está muito presente. Em 17 trechos selecionados nas perguntas de repórteres, a palavra “ameaça” aparece em sete momentos. A palavra “perigo” também aparece uma vez, além de expressões como “tensão” , uma vez, e “pressão”, por duas vezes. Partindo para a Análise Retórica, valendo-se do cânone Invenção, perceberíamos a presença do pathos, ou seja, a própria pergunta dando início à construção de uma entrevista tendo como recurso a persuasão através do apelo à emoção. Principalmente emoções de preocupação e de medo com o futuro que está reservado para o homem e para a Terra.

Outras duas expressões que chamam a atenção se utilizam de metáforas para persuadir. A expressão “bomba destruidora”, por exemplo, aparece em uma pergunta como sinônimo, também, de ameaça. A mesma ameaça que tantas vezes surge nas perguntas das entrevistas de Páginas Verdes: “[...] a **bomba destruidora** na verdade era a própria civilização...[...]” (RIBEIRO, 2001, p.28, grifo nosso). Em outro questionamento do profissional de imprensa, nova metáfora: “O ecoturismo é **vilão** ou **mocinho**?” (NOGARA, 2001, p. 31, grifo nosso). Novamente o medo e a preocupação, ou em outras palavras, a ameaça ao planeta, seja pelo ecoturismo ou por outras formas de se utilizar da natureza, estão claras nas expressões dos repórteres. O termo “vilão”, inclusive, aparece em dois momentos diferentes nas perguntas feitas pelos repórteres.

As metáforas utilizadas nos questionamentos das entrevistas têm o seu porquê. Leach (2002) se utiliza da própria imprensa para explicar esse fenômeno, tomando como exemplo o jornalismo televisivo. A autora lembra que as notícias na televisão são uma forma altamente ritualizada de discurso e destaca que as famílias e comunidades têm seus programas favoritos de noticiário, assistindo-os sem falta no começo ou no final do dia. Dentro desse sistema de ritual, digamos, pela manhã, examinam a correspondência, passam a ferro a roupa que vão vestir para ir trabalhar e tomam café enquanto assistem ao programa de notícias. As emoções presentes nesse dia-a-dia estão ali, naquela espécie de cenário que se construiu pela manhã na casa de uma família qualquer, em uma espécie de analogia com uma peça teatral. Examinar notícias, destaca a autora, “se torna mais parecido com

uma peça teatral complexa do que com uma transmissão de informação" (LEACH, 2002, p. 304). Ora, o espectador em frente à TV acaba se tornando um elemento naquele teatro, um figurante ou ator, contracenando também com um outro extremo desse espetáculo: o apresentador ou repórter que entra em sua casa diariamente.

Em Ecologia & Desenvolvimento, Páginas Verdes também mostra nas suas publicações um pouco desse teatro, usando analogias, metáforas, chamando o público leitor a assistir a essa apresentação para despertar suas emoções. Questiona o entrevistado sobre os vilões ou mocinhos que respectivamente agridem ou protegem a natureza. Lança reflexões ao público, perguntando ao entrevistado se estamos nos desumanizando, se perdemos a capacidade de nos indignar, se estamos realmente abraçando causas ligadas ao meio ambiente. Vilões, agressões, abraços a causas e bombas destruidoras são termos que levam o repórter a providenciar o alicerce para a construção de sua notícia. Começa um trabalho de persuasão através da emoção nas perguntas que formula e terá uma resposta de seu entrevistado também composta por emoção. O recurso utilizado é comum em vários tipos de discursos, relaciona-se com o pathos e funciona na receita de persuasão. Vejamos o que ainda diz Leach:

> Tais empregos da metáfora são muito comuns, muito sutis e muito complexos. Assim, pois, além de olhar para metáforas mais óbvias tais como "no exame final os estudantes pegaram fogo", nós devemos esquadrinhar metáforas mais complexas. Embora o exemplo técnico apresentado acima seja bastante difícil de ser reconhecido por não especialistas, as metáforas existem em muitos níveis e em todos os discursos. Muitos filósofos e semióticos sugerem até mesmo que nossa relação fundamental com a linguagem é metafórica (LEACH, 2002, p. 306).

A autora destaca também que as figuras de linguagem funcionam para aprimorar nossa comunicação e que é até possível elas serem imprescindíveis em nosso discurso. Mais: alguns estudiosos, segundo a autora, estão convencidos que as figuras de linguagem nos dizem algo profundo sobre a maneira como pensamos e a maneira como a própria linguagem funciona. Nas Páginas Verdes, de Ecologia & Desenvolvimento, as metáforas são fundamentais na construção da notícia levada ao leitor. A presença do pathos é reforçada por expressões metafóricas como “coração”, encontradas também no que é produzido pelo repórter, mas desta vez nos textos introdutórios às entrevistas. Este segundo momento do trabalho de construção do repórter será analisado no próximo capítulo, apontando não somente as figuras de linguagem mas as expressões de emoção em si.

7 O TEXTO INTRODUTÓRIO SERVINDO DE BASE PARA A OBRA

Conforme explicávamos no início deste trabalho, uma entrevista jornalística no formato pingue-pongue é uma série de perguntas e respostas trocadas entre repórter e entrevistado (ou fonte). É sempre precedida de um texto que apresenta o entrevistado. Normalmente detalha seu currículo e explica o porquê de ele ter sido convidado para dar seu depoimento naquela edição, quase sempre por ter informações novas ou relevantes, ou seja, notícias e informações, sobre determinado assunto.

No caso de Páginas Verdes, publicada em Ecologia & Desenvolvimento, os assuntos trazidos para o leitor estão todos relacionados com meio ambiente nas 29 edições escolhidas. São abordados temas como educação ambiental, relacionamento homem-cidade, a questão indígena no Brasil, botânica, escassez de água, desenvolvimento sustentável, direito ambiental, consciência ecológica, produção de alimentos e destino do lixo, entre outros. Ao apresentar sua fonte, o repórter também lembra questões importantes relacionadas ao assunto que vai tratar, usando dados estatísticos e informações históricas.

O texto introdutório à entrevista se torna um conjunto de conceitos e idéias que vão servir de fio condutor para as perguntas e respostas que chegam logo a seguir. Pode ser chamado de base de uma construção da entrevista pingue-pongue. Juntamente com o texto introdutório, o início dessa construção se dá com a inclusão

de detalhes fundamentais como o título da matéria e a linha de apoio (breve comentário a respeito do assunto a ser tratado logo abaixo do título e antes do texto introdutório à entrevista). São nessas expressões, encontradas também em títulos e nos textos, que temos a presença da emoção, conforme relação descrita no capítulo 4. Além das palavras e expressões que denotam a emoção diretamente, como por exemplo, amor, amizade, solidariedade, também as metáforas ficam muito em evidência nos textos introdutórios.

Educação ambiental, segundo a entrevistada, além de passar pela cabeça, deve "[...] atingir o **coração**". (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso). Em outra edição, crianças que fazem parte de um determinado projeto são acompanhadas "[...] desde o **ventre materno** [...]" (NEUMANN, 2001, p.35, grifo nosso). Nova matéria destaca o sucesso da campanha "**Criança no lixo nunca mais**" (CAMPOS, 2001, p.29, grifo nosso). Em outro momento, fazendo uma espécie de trocadilho com o desenvolvimento sustentável, o entrevistado diz ser fã da expressão "[...] **envolvimento** sustentável" (CULLEN JR, 2001, p.7, grifo nosso).

Todas essas palavras exemplificam bem a utilização da analogia e da metáfora, relacionadas pela Análise Retórica. No caso do slogan para a campanha que retirava as crianças do trabalho de coleta nos lixões, o "Criança no lixo nunca mais", a idéia nos remete à própria criança como um dos itens do expurgo e a necessidade de reverter esse quadro dramático e triste. O termo "nunca mais" tem uma conotação de urgência em dar proteção a uma parcela da sociedade exposta a um dos maiores perigos para a saúde: o contato com o lixo. A preocupação com o outro e a

solidariedade estão subentendidos. Situação semelhante acontece no uso da expressão “ventre materno”, enfocando mais uma vez a idéia de proteção, de ventre como um local seguro para a criança, e reforçado de segurança adicional quando um projeto de atendimento a mães e a filhos é desenvolvido, sempre em nome da solidariedade e da preservação da vida.

A expressão “envolvimento” sustentável leva a nova analogia. Envolver-se, preocupar-se com o próximo, fazer parte, integrar-se a campanhas e grupos para desempenhar o máximo possível um desenvolvimento sustentável, tendo como resultado a preservação de um determinado local. Na edição em que o entrevistado usa essa expressão, acrescenta, inclusive, que a tentativa é fazer “um envolvimento sustentado, uma relação de confiança e **amizade**” (CULLEN JR, 2002, p.7, grifo nosso). Mais uma vez uma emoção - retratada pela amizade - complementa a palavra “envolvimento”.

Coração é uma das mais freqüentes expressões encontradas nas entrevistas de Páginas Verdes. No contexto de uma frase em especial, a expressão merece destaque: “A educação ambiental, além de passar pela cabeça, também deve atingir o **coração**” (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso). Especificamente esta frase merece uma análise em especial. Quando falávamos em Maturana (1998) no início deste trabalho, obrigatoriamente associamos suas afirmações a esse discurso da entrevistada. O autor explica que o racional, no ser humano, é uma espécie de coerência operacional dos sistemas argumentativos expressa na linguagem para defender ou justificar ações. Há, porém, um detalhe: costumamos trazer nossos

argumentos racionais sem fazer referência às emoções nas quais eles se baseiam. Não percebemos que esses argumentos e todas as nossas ações têm um fundamento emocional, e acabamos acreditando que isso seria uma limitação ao nosso ser racional. Mas o fundamento emocional do racional, alerta Maturana (1998), não é uma limitação, mas sim uma possibilidade.

O autor também lembra que o grande diferencial do ser humano não está em sua inteligência, mas na sua capacidade de unir razão e emoção. Observa ainda que o peculiar do humano não está exatamente na manipulação de objetos, acrescentando que um macaco brincando com uma bola pode demonstrar uma elegância até maior do que a nossa, tamanha é a destreza. A diferença, adverte o autor, está na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar. A comunicação através da entrevista publicada e disponível para o leitor será a ponta desse processo do entrelaçamento de linguagem e emoção. É através da comunicação e da informação obtidas no diálogo entrelaçado ao emocionar que se percebe a estratégia usada pela fonte. Emocionando, ela estará em condições de convencer ainda mais o leitor sobre as ameças que atingem a vida no planeta.

Com a expressão “coração” não é diferente. Percebemos essas característcas, de emoção e razão unidas em um mesmo processo. Quando a entrevistada de “Páginas Verdes” se refere à cabeça e ao coração, é essa analogia que nos mostra a capacidade de entrelaçar razão e emoção na linguagem. As duas afirmações (PÁDUA, 2001, p.31), “[...] passar pela cabeça [...]” e “[...] atingir o coração [...]” , levam a um discurso de persuasão, usando o emocional como a parte que reforçará

a argumentação da necessidade da educação ambiental. O emocional acaba por transformar-se em estratégia para argumentação. O apelo ao pathos se mostra claro em cada um desses exemplos, marcados pela analogia ou pela metáfora. Podemos considerar como analogia os termos “ventre materno” (NEUMANN, 2001, p.35) e “Criança no lixo nunca mais” (CAMPOS, 2001, p.29). As expressões nos trazem o apelo emocional através de expressões que, em um primeiro momento, não estão diretamente relacionadas à emoção, assim como acontece com a palavra “envolvimento”. A palavra “coração”, esta sim, pode ser denominada como um típico exemplo de metáfora. Atingir o coração, no discurso persuasivo das entrevistas de Páginas Verdes, significa chegar a uma das principais emoções vividas pelo ser humano. Significa despertá-lo, por extensão, para outras emoções como preocupação com o planeta e a vida nele existente, solidariedade e amor.

As palavras e expressões até aqui citadas a partir de uma lista dividida em categorias (capítulo 4) - e retiradas da categoria de textos introdutórios produzidos pelos repórteres que confeccionaram Páginas Verdes - aparecem na subcategoria amor/amizade/solidariedade. Importante destacar também outra emoção detectada em forma de metáfora, esta na subcategoria tristeza/amargura: “gemidos”. Os gemidos aos quais o repórter se refere são “gemidos da natureza”. A expressão foi a forma encontrada para explicar a destruição que o planeta sofre em função do consumismo exagerado.

Nos mesmos textos introdutórios que analisamos neste capítulo, encontramos novas emoções em forma de palavras, estas mais diretas, não tão relacionadas a

metáforas ou analogias, mas ainda assim instrumentos de persuasão que compõem a mensagem. Entre as palavras encontradas, na subcategoria amor/amizade/solidariedade, os textos são marcados por palavras como “amigos”, “apaixonado”, “amor” , “profundo amor” e “solidariedade”. Na subcategoria entusiasmo/sensibilidade, temos os termos “desafio”, “entusiasmado”, “esperança”, “vitórias”, “impressionado” e “sensibilizado”. Na subcategoria felicidade, destacam-se os termos “feliz” e “felizmente”. Na subcategoria tristeza/amargura, “amargurado” e “triste”. Já na subcategoria medo/preocupação, a palavra “violência” ganha espaço.

Embora a presente pesquisa, quando utilizou elementos de Análise de Conteúdo, não tenha relacionado todas as palavras encontradas em termos quantitativos mas somente algumas consideradas principais, as palavras “amor”, “coração”, “solidariedade” , “sensibilidade”, “amizade”, “ameaça” e “violência” aparecem de forma mais freqüente no material lido, conforme demonstração do quadro 1. As expressões funcionam como um jogo de persuasão e de convencimento do leitor sobre a importância de preservar o planeta e a ameaça constante acima das cabeças de cada um de nós. O princípio da retórica é visto constantemente no discurso de Páginas Verdes, sempre com uma tendência de apelo ao pathos.

Apesar de Leach (2002) explicar que o emprego comum da palavra retórica desfigura uma disciplina acadêmica, pelo fato de sempre estarmos contrastando erroneamente retórica com ação, e informar também que na fala cotidiana costumamos acreditar que retórica pode ser uma coleção de mentiras, no caso de

Páginas Verdes encontramos a característica da persuasão já bem marcada no texto introdutório.

O ato de persuadir está presente na atitude do repórter, principalmente quando externa emoções de entusiasmo ou de preocupação. É essa iniciativa que o leva a fazer com que o entrevistado dê uma resposta também emocionada. O jogo de pingue-pongue da entrevista já começa, sim, no texto introdutório e continua na lista de perguntas. Quando chega ao questionário é complementado por uma tática: a linguagem em forma de conversação entre repórter e entrevistado, um processo que depois será transformado em texto, mas ainda assim mantendo as características de uma conversa, uma troca onde a emoção vai fluir, dando início à construção dessa notícia. O “acabamento” da obra será dado pelo entrevistado. Veremos características dessa segunda parte no capítulo a seguir.

8 O ENTREVISTADO INDICANDO O CAMINHO FINAL

Em resposta a perguntas impregnadas de emoção, mais emoção. E nos trechos recortados das entrevistas de Páginas Verdes, todas as emoções listadas neste trabalho são encontradas quando direcionamos a atenção para as respostas dos entrevistados. Amor/amizade/solidariedade em um primeiro grupo de emoções. Também encontramos entusiasmo/sensiblidade e felicidade. Presente ainda em um terceiro grupo temos a tristeza/amargura e, por último, medo/preocupação.

As palavras “coração”, “amor”, “carinho”, “amizade” e “solidariedade” são as mais freqüentes. Aparecem como as marcas mais profundas de um discurso que busca realmente “[...]atingir o **coração** [...]” (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso), como na metáfora encontrada nas entrevistas, esta usada por uma das entrevistadas. Entre as metáforas estão aquelas presentes na letra da música de Gilberto Gil (capítulo 5), que utiliza expressões como “[...] **mães zelosas, pais corujas** [...]” (GIL, 2000, p. 39, grifo nosso). Ou ainda a expressão “[...] **leite do peito** [...]” (NEUMANN, 2001, p. 37, grifo nosso). Em cada uma dessas palavras está o desejo de continuação, de herança. Em outra das edições colecionadas, mais um desses exemplos aparece: “Tenho que ter algum **carinho** por esse neto que poderá herdar um mundo onde não vai ser possível respirar” (RIBEIRO, 2001, p. 28, grifo nosso). Como um fio condutor, esse desejo de continuação nos leva a uma outra emoção: o medo e a preocupação. A insegurança causada pelas más

condições de preservação do mundo se reflete também nas palavras do entrevistado, amedrontado com o futuro que poderá deixar para seus descendentes.

Nos próximos dois exemplos podemos perceber mais claramente essa preocupação. Outra entrevistada lembra a importância do trabalho voluntário e da solidariedade humana quando explica como uma entidade sem fins lucrativos pode colaborar no atendimento à criança: "[...] É uma economia de recursos e de **sofrimento** humano. Trata-se também de uma forma inteligente de regulação da demanda ao serviço de saúde, somada à prevenção da violência e da marginalidade que trazem um ônus grande ao país [...]" (NEUMANN, 2000, p. 36, grifo nosso).

A palavra "sofrimento" é a chave para entendermos a presença da preocupação com o outro. A economia de sofrimento humano à qual a entrevistada se refere é a atitude tomada para que se preserve o adulto de amanhã cuidando da criança de hoje através de uma organização não-governamental. Mesma preocupação se reflete em nova entrevista, quando é afirmado: "[...] em São Paulo, a questão da qualidade do ar é **dramática** [...]" (GOLDENSTEIN, 2002, p. 6, grifo nosso).

Chegamos então a uma outra emoção catalogada nos trechos de Páginas Verdes, que de certa forma está ligada ao medo e à preocupação. Tristeza e amargura aparecem de forma clara nos exemplos a seguir. Um entrevistado se refere assim aos bandeirantes: "Homenagear hoje esses **assassinos** de índios é um desrespeito e uma provocação" (FREIRE, 2000, p.33, grifo nosso). Como em um

desabafo, ele deixa transparecer sua amargura usando um adjetivo para classificar um determinado grupo.

Em outro momento, encontramos esta frase: "**Triste** é constatar que essas sementes vão chegar ao México para o consumo, podendo facilmente contaminar nossas plantações" (GUEVARA, 2001, p. 21, grifo nosso). O entrevistado mostra-se impotente frente a uma realidade que considera triste e com perspectivas desalentadoras.

Em diversas emoções listadas em Páginas Verdes, continuamos encontrando metáforas. Na subcategoria onde são listados entusiasmo e sensibilidade, destaca-se a seguinte declaração: "A honra da indicação se deve às líderes comunitárias, que mesmo com o pouco que têm demonstram **garra**" (NEUMANN, 2001, p. 35, grifo nosso). Novamente a entrevistada se refere às mulheres que contribuem com o trabalho voluntário e comunitário. E é na palavra "garra" que se resume a dedicação relatada por ela quando fala da indicação ao Nobel da Paz em 2001.

O antropólogo diz: "É através de nossos olhos que se vêem as estrelas. Somos a consciência do mundo. Se **apagarmos**, o mundo **apagou**" (RIBEIRO, 2001, p.29, grifo nosso). Ele lembra, também através de uma metáfora, que a preservação do planeta precisa necessariamente da atenção do homem, que é o ser racional e emocional ao mesmo tempo, a enxergar essas estrelas. Portanto, é ele quem pode observar cada detalhe dessa natureza que precisa ser preservada, sob pena de o mundo "apagar", caso não tenha essa visão e essa sensibilidade.

“Felicidade”. A palavra aparece de forma bem marcada nas respostas dos entrevistados. Em alguns momentos, sinônimos podem ser encontrados para denotar essa emoção: “É preciso consumir tanto para que o ser humano se **realize** na vida?” (DOWBOR, 2000, p.29, grifo nosso). Esse é o questionamento de uma das entrevistas. A palavra “realização” alcança um significado de felicidade.

Em outro exemplo, o mesmo entrevistado se refere novamente à felicidade, mas desta vez usando diretamente a palavra: “Muitos se perguntam se é possível reconstruir a simplicidade, aquilo que a gente chama de **felicidade** nacional bruta” (DOWBOR, 2000, p.29, grifo nosso). Em uma espécie de trocadilho com Produto Interno Bruto (PIB), o entrevistado acaba lembrando o que Morin (2002) nos diz sobre aquilo que não é possível quantificar, mas que é igualmente importante existir entre os povos: a solidariedade e o amor. Em análise semelhante, o entrevistado de Páginas Verdes se refere à felicidade. A palavra aparece novamente em outra edição da revista: “A **felicidade** de uma criança é brincar com outras crianças” (NEUMANN, 2001, p. 35, grifo nosso).

Outra vez lembrando Morin (2003), chegamos a mais uma expressão, utilizada com grande freqüência nas entrevistas de Páginas Verdes: “solidariedade”. Juntamente com “amor”, a palavra solidariedade é uma das marcas fortes dos textos selecionados de Ecologia & Desenvolvimento. É Morin quem reafirma a necessidade da solidariedade entre os povos como solução para manter a preservação do mundo. A política do humano, segundo o autor, teria como missão

mais urgente solidarizar o planeta. Um dos exemplos mais fortes está no título desta entrevista: “Sejamos uma potência solidária” (BOFF, 2001, p.28). O mesmo entrevistado, durante o pingue-pongue com o repórter afirma:

> Temos que inventar um novo paradigma da civilização dentro do qual o desenvolvimento se fará em consonância com a natureza e não contra ela; será **solidário** com todos os humanos e caracterizado pelo cuidado para com todos os seres vivos e inerentes da natureza (BOFF, 2001, p.28, grifo nosso).

A palavra “solidariedade” também é usada como solução para problemas que atingem o planeta. O então ministro interino do Meio Ambiente, em entrevista conclui: “Os problemas ambientais, da pobreza, do terrorismo, só serão solucionados em um quadro de total **solidariedade**” (CARVALHO, 2002, p.7, grifo nosso).

Pela análise geral das declarações dos entrevistados, “ameaça“, “coração” e “amor” estão entre as palavras ligadas à emoção mais destacadas nas entrevistas de Páginas Verdes. Entre as metáforas, nenhuma outra é tão marcante como a palavra “coração”, que também é usada para dar título a uma das entrevistas: “Para atingir o **coração**” (PÁDUA, 2001, p.31, grifo nosso).

Palavras que denotam diretamente emoção ou metáforas que também sugerem emoção estão presentes nos textos de Páginas Verdes. O apelo se dá de uma forma ou de outra, sempre como um instrumento para persuadir o leitor. O processo que se inicia com as perguntas feitas pelo repórter, que vai trilhando um caminho na construção de um texto introdutório às declarações do entrevistado. “Amor”, “amizade”, “solidariedade”, “sensibilidade”, “entusiasmo”, “felicidade”, “tristeza”,

“amargura” , “medo” , “ameaça”, “preocupação”. Todos esses elementos se tornam ingredientes para a construção de uma notícia em um veículo de comunicação especializado em meio ambiente. No próximo capítulo, teceremos as considerações finais, buscando explicar os porquês da necessidade de declarações emocionadas tanto no texto e nas perguntas do repórter quanto na resposta do entrevistado.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações e notícias relacionadas ao meio ambiente são compostas por particularidades que apontávamos durante este trabalho e puderam ser percebidas mais claramente nas entrevistas de Páginas Verdes. Em uma linguagem que se entrelaça com o emocionar estão as expressões que vão colaborar para construir uma informação com poder de persuadir o leitor. Como uma espécie de antídoto, a emoção - traduzida em palavras como “amor”, “carinho”, “amizade”, “solidariedade” - é usada como estratégia de defesa. Uma forma de proteger o homem de sua própria capacidade de destruir o planeta.

A notícia, assim, vai se construindo na entrevista pingue-pongue de acordo com a necessidade de preservação da vida. A mensagem emocionada, tanto por parte do repórter quanto por parte do entrevistado, é uma forma de comunicação voltada à idéia de preservar. O processo começa no repórter e segue em uma espécie de vertente chegando ao entrevistado, que dá a última palavra, levando ao leitor seu conhecimento técnico sem esquecer a emoção, tão presente em suas atitudes quanto a razão, dois instrumentos usados em conjunto para persuadir.

A idéia de solidariedade – uma das emoções freqüentemente percebidas nos textos das entrevistas de Páginas Verdes – leva o leitor a uma outra percepção, mais profunda: o fato de que o homem começa a fazer uma tomada de consciência.

Entende que não é apenas ele vivendo em um mundo do qual é dono. Precisa se submeter às regras da natureza, deixar de desmatar, de poluir ou de desperdiçar alimentos e água.

Enfim, perceber que é parte de um todo e que é um dos fios de uma teia. E este papel de comunicar e educar para a preservação do meio ambiente, a revista Ecologia & Desenvolvimento desempenha de forma mais acentuada em Páginas Verdes. Como veículo de comunicação, torna-se uma alternativa de conscientização para o leitor. Constrói para ele a informação baseada na ecologia profunda, que reconhece o valor de todos os seres vivos e coloca o homem somente como um fio particular na teia da vida. Faz questionamentos baseados em uma perspectiva ecológica, uma perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida, da qual somos membros. O sentido de solidariedade e a teia da vida integram uma rede da qual fazemos parte. Uma rede viva, formada em um planeta vivo.

A chamada hipótese de Gaia que traz as concepções de Terra viva explica que processos biológicos e geológicos estão todos interligados, além de considerar vivos também elementos como a água, comparando-a inclusive ao sistema circulatório de um animal. No jornalismo ambiental, o pensamento sistêmico é exercitado em termos de conexidade, de relações, de contexto. E neste ponto chegamos a uma conclusão importante: quando lembramos que o termo “sistêmico” serve de sinônimo para “ecológico”, o pensamento sistêmico aparece como uma espécie de substituição ao pensamento mecanicista, quando a relação entre as partes e o todo

é invertida.

Antes, a ciência acreditava que em qualquer sistema complexo o comportamento do todo podia ser analisado pelas propriedades de suas partes. A ciência sistêmica acaba mostrando que as propriedades das partes só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior. Percebemos, assim, a transdisciplinaridade e a complexidade se fazendo presentes nas entrevistas de Páginas Verdes, que abordam invariavelmente o meio ambiente. Em outras palavras, abordando assuntos que falam do todo, da rede, do inteiro, do sistêmico.

Transidisciplinar é o professor indígena que busca para seus alunos ensinamentos da língua materna, do português e do inglês, e também noções de sociologia, mesmo que esses assuntos ainda sejam separados por matérias. Transdisciplinar é a médica sanitarista aproveitando os ensinamentos da avó, que dizia que em uma casa que entra sol não precisa entrar médico. Transdisciplinar é o economista que afirma que as soluções para o desenvolvimento não se situam mais dentro da própria economia. Transdisciplinar é o pesquisador que desvenda detalhes sobre ecologia através da história, em um tempo que já se praticava ecologia, mas nem mesmo a palavra era conhecida.

Os exemplos de entrevistados de Páginas Verdes, abordando problemas e características do planeta de formas diversas, seguindo dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, são intermináveis. A construção da notícia se dá de forma inovadora por dois motivos: primeiro, pela capacidade de repórteres e entrevistados

abordarem o assunto meio ambiente de forma sistêmica, mantendo sempre a idéia de todo como possibilidade de preservação da vida e do planeta. Segundo, porque percebendo a grandiosidade do assunto que se aborda sempre que se discute meio ambiente, repórter e entrevistado entrelaçam o emocionar na linguagem.

A afirmação de que a história da transformação do cérebro humano se relacionava ao uso de instrumentos, principalmente com o desenvolvimento da mão em sua fabricação, é substituída ou atualizada por outra, que sustenta que a mão já estaria desenvolvida em nossos antepassados. O desenvolvimento do cérebro humano estaria relacionado principalmente com a linguagem. Lembrando a brincadeira do macaco com a bola, – uma característica, portanto, que não é única no homem – percebemos que o peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocionar.

E é neste entrelaçamento com o emocionar que ocorre todo um processo de cognição na leitura de uma entrevista jornalística que informa sobre meio ambiente. A informação é processada, mas é a emoção que conduz o leitor por um caminho que irá fazê-lo tomar consciência da preocupação que precisa ter com o outro e com o lugar onde vive, lugar que será deixado como herança para seu descendente. A estratégia da persuasão se dá no momento em que a emoção entra em cena na fala de entrevistados e de repórteres. É a coloração emocional aparecendo no ato cognitivo.

As notícias, principalmente sobre preservação do planeta, são buscadas pelo

repórter, concedidas pelo entrevistado e processadas pelo leitor, sempre acompanhadas de emoção, uma estratégia a mais nessa informação que poderá auxiliar a pensar o planeta como algo que precisa ser visto de forma ampla e infinita. Infinita porque é o lugar que deverá estar conservado para filhos, netos e gerações seguintes.

Se a humanidade precisa passar por todo o tipo de destruição e dificuldade para adquirir consciência planetária e ecológica, a solidariedade entre os povos pode ser a solução para manter a preservação de um planeta já tão atingido pelo próprio homem. Laço ou vínculo recíproco de pessoas é a explicação dada pelos dicionários para a compreensão da palavra solidariedade. Laço e vínculo são termos ligados à idéia de rede, combustível da solidariedade. Como dizíamos no início desta dissertação, a missão de solidarizar o planeta é também uma rede tão entrelaçada quanto aquela, proposta na teia da vida. Teia que só se estabelece verdadeiramente se possuir nas conexões outros ingredientes para mantê-la firme: solidariedade, preocupação com o outro, elementos que aparecem por meio da emoção.

No papel de manter ou solidificar essa rede ou teia estão os veículos de comunicação. Páginas Verdes toma para si esse papel quando constrói a notícia de forma a lembrar o leitor de sua capacidade de amar o próximo, de sua necessidade de colaborar para a preservação de qualquer elemento existente no planeta: plantas, água, animais e inclusive o próprio homem, que perderá seu equilíbrio e sua qualidade de vida caso esses elementos não estejam todos bem conectados. Os meios de comunicação multiplicam essa necessidade em cada exemplar que chega

à banca ou à casa do leitor, que, em um ato cognitivo, processa essa informação sem deixar de guardar dentro de si a coloração emocional, necessária para compor seu ânimo no momento de agir em prol da preservação da vida.

Da leitura de uma entrevista que detalha o científico, o técnico, o racional e o emocional, fonte e repórter contribuirão para um exercício de retórica que não será meramente lembrado como uma coleção de mentiras ou meias-verdades, mas como um ato de persuadir para a busca da solidariedade e do amor. Até mesmo a preocupação, a tristeza e o medo das ameaças à natureza demonstrados em perguntas das entrevistas de Páginas Verdes são formas emocionadas de alertar para a necessidade da manutenção da teia da vida. Na fala cotidiana ou no senso comum costumamos contrastar retórica com ação, como se esses discursos mergulhassem em um vazio e se tornassem sem utilidade. Aplicada, porém, como ato de persuadir, a retórica mostra que está presente nos textos da mídia especializada em meio ambiente, utilizando-se do pathos como recurso de persuasão que apela à emoção.

Neste sentido, Ecologia & Desenvolvimento cumpre seu papel com Páginas Verdes. As frases ditas pelo entrevistado estarão sempre predispondo a uma ação: “Tenho que ter algum carinho por esse neto que vai herdar um mundo onde não será possível respirar”; “A educação ambiental, além de passar pela cabeça, deve atingir o coração”; “É pelos nossos olhos que se vêem as estrelas, se apagarmos o mundo apagou”. Temos um mundo para deixar de herança a nossos descendentes, devemos educá-los com amor para que cuidem do ambiente onde vivem e não

podemos “apagar” porque é pelos nossos olhos que as estrelas são vistas. Assim, a retórica aparece para incentivar a capacidade de agir em favor daquele que descenderá de nós.

Como produtores ou reprodutores da informação ou ainda como receptores/leitores, encontramos no jornalismo especializado em meio ambiente – tendo Ecologia & Desenvolvimento como objeto – a emoção como uma das principais formas de construir a notícia. É pela emoção que o repórter chega à fonte ou, igualmente válido afirmar, é pela emoção que a fonte chega ao repórter. Em um caminho de duas vias a persuasão vai se estabelecendo na linguagem, na conversação possibilitada pelo pingue-pongue, depois transcrito para o leitor, sendo, esse último, a ponta ou o alvo de um processo de divulgação de informação, de preservação e de emoção.

O início deste trabalho se deu quando Ecologia & Desenvolvimento, objeto do estudo, ainda era encontrada nas bancas. Mesmo não sendo editada atualmente de forma regular, a revista marca uma época. Teve seu ápice nos últimos dez anos do século XX, quando o mundo discutia com mais veemência problemas como camada de ozônio, aumento da temperatura, alta no nível dos mares e escassez de água doce, entre outras dificuldades. Cumpriu um papel de importância no jornalismo ambiental brasileiro. Foi pioneira em lançar uma perspectiva pós-estruturalista por meio de um veículo de comunicação quando disseminou suas mensagens pontuando os textos das entrevistas de Páginas Verdes. Deixou marcas visíveis no discurso técnico e científico das autoridades entrevistadas a cada edição.

Essas marcas tiveram um papel inovador, passando pela cabeça e atingindo o coração, em um exercício de linguagem entrelaçada com emoção, deixando como resultado a preocupação com o meio ambiente, responsabilidade que o jornalismo ambiental deve tomar para si, sustentar e divulgar, não esquecendo que o principal predador desse ambiente e da teia da vida é o homem. Por isso precisa construir assim a notícia: tocando o coração desse predador, mexendo em suas emoções na tentativa de levá-lo de forma mais incisiva a deixar de destruir e se engajar em uma outra perspectiva: a da preservação.

REFERÊNCIAS

ACOT, Pascal. **A história da Ecologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

BACCHETTA, Víctor. El periodismo ambiental. In: BACCHETTA, Víctor (ORG). **Ciudadania Planetária.** Dresden: Federação Internacional de Jornalistas Ambientais, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ED). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som - um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2003.

BOFF, Leonardo. Sejamos Uma Potência Solidária. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 96, p.27-29, set. 2001. Entrevista concedida a Tetê Duche.

BUENO, Cleuza Maria de Oliveira. **Entrevista - espaço de construção subjetiva**. Porto Alegre: Edipuc, 2002.

CAMPOS, Helina Kátia Tavares, 'Lixo e Cidadania'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 91, p. 29-31, mar.-abr. 2001. Entrevista concedida a Nestor Cozetti.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

_____. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARVALHO, José Carlos. Brasil, Guardião da Rio 92. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 103, p.5-7, ago. 2001. Entrevista concedida a Carlos Tautz.

CRIPA, Marcos. **Entrevista e Ética - uma introdução**. São Paulo: Educ, 1998.

CULLEN JR, Laury. 'O Envolvimento Sustentável'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 102, p.5-7, jan.-jul. 2002. Entrevista concedida a Elias Fajardo.

DALLA ZEN, Ana Maria. **A Voz dos Ausentes na Terra do Nada**. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação, defendida na Escola de Comunicações e

Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
DAMASCENO, Raimundo. 'Esgoto Transformado em Biodiesel e Carvão'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 83, p.35-38, jul.-ago. 2000. Entrevista concedida a Sílvia Noronha.

DAMÁSIO, Antônio. **O Erro de Descartes - emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DOWBOR, Ladislau. As Soluções Não se Situam Mais Dentro da Economia. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 76, p.29-31, dez.-jan. 2000. Entrevista concedida a Beatriz Bissio.

ERBOLATO, Mário. **Jornalismo Especializado**. São Paulo: Atlas, 1981.

FIGUEIREDO, Marco Antonio; ENGELMANN, Arno. In: Um Estudo Sobre Emoções Através da Aplicação de um Modelo Bifatorial de Atitudes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**. Rio de Janeiro, nº 735, p. 81-98, dez. 1978.

FREIRE, José Ribamar Bessa. 'Todos os Brasileiros Somos Índios e Negros Também'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 77, p.31-34, jan.-fev. 2000. Entrevista concedida a Fernanda Cavalcanti.

GENTILLI, Victor. O Conceito de Cidadania, Origens Históricas e Bases Conceituais: os vínculos com a comunicação. **Revista Famecos.** Porto Alegre, nº 19, p.41-55, dez. 2002.

GIL, Gilberto. 'Tudo Começa com a Educação Dentro de Casa'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de janeiro, nº 79, p.39-42, mar.-abr. 2000. Entrevista concedida a Glória Dias Gomes.

GUEVARA, Ernesto Ladrón. 'Com os Transgênicos, as Multinacionais Podem Controlar a Produção de Alimentos'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 90, p. 19-21, fev.-mar. 2001. Entrevista concedida a Beatriz Bissio.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1993.

KAINGANG, Azelene Krin. 'Latifúndio Ameaça Soberania Nacional'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 81, p.29-32, mai-jun 2000. Entrevista concedida a Memélia Moreira.

KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa - Análise de Conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

LACLETTE, Paula. 'Uma lição de vida'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de

Janeiro, nº 80, p.35-38, abr.-mai. 2000. Entrevista concedida a Fernanda Cavalcanti.

LEACH, Joan. Análise Retórica. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ED). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som - um manual prático.** Petrópolis: Vozes, p. 293-318, 2003.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LODI, João Bosco. **Entrevista - teoria e prática**. São Paulo: Pioneira, 1971.

MANTOVANI, Mário. 'SOS Mata Atlântica'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 86, p.27-29, out.-nov. 2000. Entrevista concedida a Elias Fajardo.

MARASCHIN, Cleci. Psicologia, Educação e Novas Ecologias Cognitivas. In: ZANELLA, Andréa V. (ORG). **Psicologia e Práticas Sociais.** Porto Alegre: Abrapsosul, p.213-219, 1997.

MATURANA, Humberto. **La Realidad: objetiva o construida?** Barcelona: Anthropos, 1995.

_____. **La Objetividad. Un argumento Para Obligar**. Santiago: Dolmen, 1997.

_____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1990.

MORENO, Carlos Alexandre. O paradigma da notícia como construção social**. Logos - Comunicação e Universidade**. Uerj. Rio de Janeiro, nº 16, p.63-71, 2002.

MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane. **Cidadania Midiatizada: cidadão planetário**. Porto Alegre, Ufrgs, 2004.

MORIN, Edgar, A entrevista nas ciências sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et alii (ORG). **Linguagem da Cultura de Massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

_____. Por uma mundialização plural. In: MORAES, Dênis de (ORG). **Por Uma Outra Comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.349-366.

_____. **A Cabeça Bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NOGARA, Paulo. Cultura Caiçara. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 94, p.29-31, jul 2001. Entrevista concedida a Elias Fajardo.

NEUMANN, Zilda Arns. Uma Rede de 'Milagres'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 93, p.35-37, jun 2001. Entrevista concedida a Fernanda Cavalcanti.

O DESAFIO de Atrair a Imprensa. **Imprensa**. São Paulo, nº 131, p. 71, ago 1998.

PÁDUA, José Augusto. O Desconhecido Pensamento Ambiental Brasileiro. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 98, p.5-8, nov 2001. Entrevista concedida a Elias Fajardo.

PÁDUA, Suzana. 'Para Atingir o Coração'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 92, p.31-33, mai 2001. Entrevista concedida a Elias Fajardo.

RAMALHO, Antônio. 'Fazer um Uso Sustentável do Solo'. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 97, p.5-7, out 2001. Entrevista concedida a Alvaro Neiva.

RIBEIRO, Darcy. Não Tenhamos Medo do Futuro. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 95, p.27-29, ago 2001. Entrevista concedida a Beatriz Bissio.

SANTOS, Cláudio Guimarães dos. **Memória e Linguagem.** Disponível em **<**www.drauziovarella.com.br**>**. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2002. Entrevista concedida a Drauzio Varella.

SERRES, Michel. **O contrato Natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SHERWOOD, Hugh C. **A Entrevista Jornalística**. São Paulo: Mosaico, 1981.

THAGARD, Paul. **Mente - introdução à ciência cognitiva**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TOFFLER, Alvin. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. **Teorias do Jornalismo - porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

VILLAS-BOAS, Orlando. Ao Contrário do Civilizado, o Índio não é Predador. **Ecologia & Desenvolvimento**. Rio de Janeiro, nº 78, p.27-30, jan-fev 2000.

WALDMAN, Maurício. Natureza e Sociedade como Espaço da Cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, p.545-561, 2003.

WISNIK, José Miguel. Ilusões Perdidas. In: NOVAES, Adauto (ORG). **Ética - coletâneas.** São Paulo: Companhia das Letras, p.321-343, 1992.

ANEXOS

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo